



## **ACADEMIA MILITAR**

### **O CAPI sobre uma perspetiva operacional e disciplinar durante a Grande Guerra**

**Autor**

**AspOf Al ART João Pedro Martins Pereira**

**Orientador: Coronel ART Carlos Alberto Borges da Fonseca**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, Julho de 2012**



## **ACADEMIA MILITAR**

### **O CAPI sobre uma perspetiva operacional e disciplinar durante a Grande Guerra**

**Autor**

**AspOf Al ART João Pedro Martins Pereira**

**Orientador: Coronel ART Carlos Alberto Borges da Fonseca**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, Julho de 2012**

## **Dedicatória**

Não podia deixar de dedicar a dissertação aqui apresentada às pessoas que sempre lutaram para que conseguisse alcançar todos os objetivos a que me propus, os meus pais.

A vós estarei eternamente grato.

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho é o culminar de cinco intensivos anos de formação na Academia Militar na qual tudo é alcançado pela constante dedicação e empenho para o cumprimento das missões que nos são incumbidas.

A contribuição de algumas entidades foi essencial e sem o seu auxílio esta redação não seria possível.

Ao Arquivo Histórico Militar pela riqueza documental e principal fonte de conhecimento adquirido e utilizado na construção da dissertação.

Ao Coronel Borges da Fonseca pelo exímio empenho e preocupação durante todas as fases do trabalho.

Ao Dr. Tavares pelo seu vasto conhecimento e dedicação e que sem os quais todo o trabalho seria trilhado por um caminho bem mais sinuoso.

Ao Professor Rod Stuart, pela disponibilidade demonstrada a todas as solicitações.

Ao Aspirante Cristóvão Fernandes por toda a lealdade e exemplo.

A todos vós os meus mais profundos agradecimentos.

## Resumo

Com a Grande Guerra, a marcar de forma violenta e radical a abertura do século XX, houve a necessidade da intervenção da Artilharia Portuguesa com o Corpo de Artilharia Pesada Independente, através do cumprimento da Convenção Militar para o emprego de Artilharia Pesada, assinada em Maio de 1917, pelos Ministros da Guerra Portugêses e Francêses.

Com este trabalho pretende-se apurar até que ponto o Corpo Português teve um papel de relevância no decurso da guerra e se a resposta for afirmativa de que maneira o desenvolveu.

O percurso do Corpo de Artilharia Pesada Independente foi sinuosamente pautado em grande parte devido à sua agregação a dois Exércitos distintos, o Francês e o Britânico. O 1º Grupo do Corpo integrado num contexto operacional, dentro do 4º e 6º Exércitos Franceses, desenvolveu duas ações de campanha, com um aproveitamento aceitável. Nos restantes 2 Grupos a travessia por Inglaterra, no destacamento de Horsham, ficou marcada indelevelmente por motivos disciplinares.

A metodologia empregue na consecução deste trabalho baseou-se na exploração histórica, com principal apoio em fontes primárias, não olvidando também todas as publicações existentes nas fontes impressas, englobando a Revista Militar e Revista de Artilharia.

Em suma, o CAPI apesar de ter cumprido as missões propostas com sucesso, foi referenciado pelos piores motivos disciplinares originando graves detenções em Tribunal de Guerra por insubordinação. Para tal foi necessário analisar o trabalho à luz da operacionalidade e da disciplina para melhor compreensão de todo o percurso realizado pelo Corpo em questão.

**Palavras-chave: Grande Guerra; Convenção Militar; Corpo de Artilharia Pesada Independente; operacionalidade e disciplina**

## **Abstract**

The World War was a violent conflict that opened the Twentieth Century. Portugal had the obligation to deliver an Artillery Corps named the Independent Heavy Artillery Corps to France according to military convention signed in 1917, by the Portuguese and French Ministers of War.

In this work we intend to investigate how important the Corps was during the conflict and if it was, how effective it was in carrying out its commitments.

The mission of the Independent Heavy Artillery Corps was very difficult because it worked for two different armies, the French and English ones. The first Group in an operational context, inside the 4<sup>th</sup> and 6<sup>th</sup> Armies developed two different campaigns with acceptable results. In the two other Groups indiscipline caused considerable trouble in Horsham, England.

The methodology used to guide this work is based on historic investigation, with the resource of original documents and other publications on this, including the Military Magazine and Artillery Magazine.

In conclusion, on the one hand the Independent Heavy Artillery Corps served the French Army well. On the other hand, it was a Corp that brought considerable trouble to the British side. So it was necessary to analyze all aspects of this Corp from an operational and disciplinary point of view.

**Keywords: World War, Military Convention, Independent Heavy Artillery Corps, operational and discipline**

## Índice Geral

<b>Dedicatória</b> .....	<b>i</b>
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>ii</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>iii</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>iv</b>
<b>Índice Geral</b> .....	<b>v</b>
<b>Índice de Figuras</b> .....	<b>vii</b>
<b>Listas de Apêndices e de Anexos</b> .....	<b>viii</b>
<b>Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos</b> .....	<b>ix</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
Enquadramento/contextualização da investigação .....	1
A situação política Europeia antes da guerra .....	1
Os motivos impulsionadores do conflito.....	2
A participação Portuguesa na Guerra .....	2
Importância da investigação e justificação da escolha .....	3
Definição dos objetivos.....	5
Enunciado da estrutura do trabalho.....	5
<b>Capítulo 1 - Estado da Arte</b> .....	<b>7</b>
1.1 Análise literária.....	7
1.2 Uma passagem pelo CAPI .....	8
<b>Capítulo 2 - A Artilharia Pesada sob via-férrea</b> .....	<b>20</b>
2.1 A introdução na guerra .....	20
2.2 O material .....	21
2.3 A preparação, execução e observação do tiro .....	23

<b>Capítulo 3 - O CAPI no contexto operacional .....</b>	<b>25</b>
3.1    O Corpo no 6º Exército Francês .....	25
3.1.1    A sua preparação .....	25
3.1.2    A missão .....	26
3.2    O Corpo no 4º Exército Francês .....	28
3.2.1    A missão .....	28
3.2.2    Os trabalhos na posição 262 .....	32
3.2.3    “Em Sommesous” .....	32
3.2.4    Os trabalhos de construção .....	33
<b>Capítulo 4 - O CAPI no contexto disciplinar .....</b>	<b>35</b>
4.1    A indisciplina .....	35
4.2    Os processos em Tribunal .....	38
4.3    A censura .....	39
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>41</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>45</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>51</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>75</b>

## Índice de Figuras

Figura N° 1 – Schneider 75mm .....	8
------------------------------------	---

## **Listas de Anexos e de Apêndices**

### **Anexos**

Anexo A - Mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI .....	52
Anexo B - Telegrama de dia 23 de Abril de 1918 .....	54
Anexo C - Telegrama de dia 24 de Abril de 1918 .....	55
Anexo D - 2º Telegrama de dia 24 de Abril de 1918.....	58
Anexo E - Telegrama de dia 25 de Abril de 1918 .....	59
Anexo F - Telegrama de dia 27 de Abril de 1918.....	62
Anexo G - Militares condenados do Destacamento de Horsham.....	68
Anexo H - Caso de deserção de uma praça oriunda do CAPI, em França .....	69
Anexo I - Militar referenciado por insubordinação .....	72
Anexo J - Militar referenciado por infração disciplinar .....	73
Anexo K - Militar referenciado por deserção .....	74

### **Apêndices**

Apêndice A - Cronologia .....	76
Apêndice B.....	78

## Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AHM	Arquivo Histórico Militar
ALGP	Artillerie Lourde Grande Puissance
CALP	Corps Artillerie Lourde Portugais
CAP	Corpo de Artilharia Pesada
Cap.	Capítulo
CAPI	Corpo de Artilharia Pesada Independente
CEME	Chefe de Estado-Maior do Exército
CEP	Corpo Expedicionário Português
cf.	Consultar fonte
GQG	Grand Quartel Général <sup>1</sup>
H	Hipótese
Kg	Quilogramas
Mm	Milímetros
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
Q.G.	Quartel General
RGA	Réserve Générale d'Artillerie
RGAL	Réserve Générale d'Artillerie Lourde
séc.	Século
SMB	Sua Majestade Britânica
S.T.	Sem Tempos
TG	Tribunal de Guerra
TSF	Transmissões Sem Fios

---

<sup>1</sup> A sigla aponta para o nome em questão, no entanto não foi encontrada qualquer fonte credível.

# Introdução

## Enquadramento/contextualização da investigação

### A situação política Europeia antes da guerra

Os anos que antecederam a I Guerra Mundial foram caracterizados por uma Europa dominada por impérios<sup>2</sup> e algumas potências como o Reino Unido e a França, na qual a belle époque<sup>3</sup> estava enraizada no seio da comunidade Europeia. Em 1882 a Alemanha, através de Bismarck<sup>4</sup>, estabelece um entendimento político com o Império Austro-Húngaro e a Itália, originando a tríplice aliança. A situação política germânica sofreu uma reviravolta com a entrada para o poder de Guilherme II, em 1888, induzindo a Alemanha a uma atitude expansionista e de hegemonia. O interesse por África agudizou-se o que levou o império acima citado a criar uma armada, que veio a por em causa a predominância Britânica, no âmbito náutico. “O feitio pessoal de Guilherme II concorreu muito para acentuar o carácter agressivo da política alemã” (Santos, 1949, p.21).

À medida que a influência Alemã ia ganhando relevância no teatro Europeu, a Inglaterra sentia cada vez mais a sua hegemonia posta em causa, originando a subscrição de um tratado com a França, em 1904, onde 3 anos mais tarde recebeu a Rússia, formando a tríplice entente. A intenção dos Alemães de não vir a sofrer uma guerra em duas frentes era cada vez mais remota.

---

<sup>2</sup> Alemão, Otomano (atual Turquia), Austro-Húngaro e Russo.

<sup>3</sup> Período vivido na Europa entre guerra Franco-Prussiana, em 1871 até ao eclodir da Grande Guerra. Foi uma época de grandes avanços tecnológicos e o gosto pela cultura fazia-se sentir no seio da classe média alta. O bem-estar e a estabilidade imperavam na velha Europa (Teixeira, 1990, p.313-314)

<sup>4</sup> Chanceler de ferro. Foi o primeiro chanceler do império Alemão e conseguiu unir a Alemanha através de inúmeras guerras sendo considerado um dos líderes mais carismáticos do século XIX.

## Os motivos impulsionadores do conflito

Numa Europa dominada por grandes potências, as pequenas<sup>5</sup> eram postas de parte num grande conflito de interesses. O acontecimento que levou à quebra da paz aparente, instaurada na Europa, ocorreu a 28 de junho de 1914, com o assassinato do arquiduque Francisco Fernando<sup>6</sup> e da sua mulher, Sofia de Hohenberg, em Sarajevo, sendo o mesmo preconizado por um jovem bósnio ligado à Mão Negra<sup>7</sup>, colocando assim termo à vida das duas personalidades acima referidas.

Este marco levou o império Austro-Húngaro a culpabilizar a Sérvia pelo atentado, declarando-lhe guerra a 28 de julho, daquele ano. O apoio aos Sérvios surgiu pelos Russos com a mobilização das suas tropas no dia 30, e conseqüentemente, se traduziu numa declaração de guerra dos Alemães à França<sup>8</sup> no dia 1 do mês seguinte e colocada no conflito dois dias depois. Com a mobilização das tropas Alemãs sob território Belga<sup>9</sup>, com o objetivo de invadir a França, a Inglaterra declara guerra a Alemanha. Um conflito de proporções gigantescas<sup>10</sup> estava prestes a começar.

## A participação Portuguesa na Guerra

*“Quando, em Agosto de 1914, estalou a conflagração europeia que pôs frente a frente os Impérios Centrais – Alemanha e Áustria-Hungria (...), e no campo oposto, a Rússia, a Inglaterra e a França (...), logo se compreendeu em Portugal que o conflito iria ter sérias repercussões no País”.* (Mascarenhas, 1982, p.309)

Segundo Nuno Severiano Teixeira, existiram três fatores cruciais que contribuíram para a entrada de Portugal no conflito. Em primeira instância, o crescente interesse colonial pelos Alemães nas regiões do sul de Angola e no norte de Moçambique e a nossa participação junto dos aliados garantia a refutação das intenções germânicas enunciadas.

---

<sup>5</sup> Checoslováquia, Polónia, Ucrânia, Roménia, Sérvia, Croácia, entre outros

<sup>6</sup> Herdeiro do Império Austro-Húngaro

<sup>7</sup> “Pertenciam à organização Jovem Bósnia, ligada à Mão Negra (Crna Ruka), sociedade secreta fundada em 1911 na Sérvia por ex-membros da Narodna Obrana (Defesa do Povo), que lutava pela união dos eslavos do Sul sob a liderança de Belgrado” (Martins, 2009, p.19).

<sup>8</sup> Aliada Russa

<sup>9</sup> País neutro

<sup>10</sup> Cerca de 20 milhões de mortos

Outro motivo prendia-se com o facto da afirmação Portuguesa no cenário Europeu, reforçando a aliança com os Ingleses e enfraquecendo a proximidade com os Espanhóis, que se encontravam neutrais no âmbito bélico, durante este período.

Um terceiro motivo é referente à política interna e sua consequente afirmação, onde a entrada de Portugal para a região da Flandres não fazia sentido quando o interesse nacional era em África. A república ainda numa fase embrionária, necessitava de ganhar os alicerces necessários à construção de uma confiança tanto em âmbitos nacionais como estrangeiros. Além do mais, existiam fortes confrontos dentro do próprio regime e a única solução era a intervenção externa e a participação num conflito de grandes proporções, que levaria à creditação do referido regime.

### **Importância da investigação e justificação da escolha**

Todo o trabalho desenvolvido visa contribuir para a história e cultura militares através do estudo deste Corpo de Artilharia criado, para a Grande Guerra, de forma autónoma relativamente à principal força que Portugal mobilizou – o CEP – tendo ambos os corpos desempenhado ações de carácter distinto. A 1ª Guerra Mundial marcou vincadamente o início do século XX e a participação Portuguesa no conflito é considerada e referenciada em inúmeras obras, porém, com este trabalho é pretendido dar ao leitor a perspetiva do conflito pela visão de um organismo, que dentro dos 4º e 6º Exércitos Franceses e no aquartelamento de Horsham, em Inglaterra, conduziu ações de campanha contra os Alemães e recebeu instrução de material de Artilharia, respetivamente. Revela-se um trabalho de grande importância uma vez que a temática da Artilharia sob via-férrea é muito pouco abordada, tendo sido o assunto escolhido para apresentação do Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Tirocínio para Oficial de Artilharia e irá conferir o grau de mestre em ciências militares, na especialidade de Artilharia.

### **Metodologia**

Dentro do tema que se escolheu para desenvolver o trabalho apresentado, tornou-se necessário construir uma base de apoio que passou essencialmente pela busca sistemática de informação disponível nas fontes impressas relativas à temática, das quais as mais objetivas foram as obras do General Ferreira Martins e do Coronel Almeida. Não sendo um assunto frequentemente abordado, foi motivo de interesse saber de que maneira havia sido criado o Corpo de Artilharia Pesada Independente e se este conseguiu obter alguma relevância num conflito com a dimensão da Grande Guerra. A recolha da informação, componente essencial em trabalhos de investigação, permitiu a expansão do conhecimento e rejeitar ideias preconcebidas, num tema tão pouco abordado. A questão central e objetivo deste trabalho levaram a uma ramificação para outras questões derivadas, desencadeando assim o processo de investigação.

Para a redação da dissertação, aqui apresentada, procurou-se obter a informação, dentro do possível, das fontes primárias, encontradas na sua totalidade, dentro do AHM, na 1ª divisão, 35ª secção respeitante na sua essência ao CEP. A caixa 1416 revelou-se, também, fundamental na recolha da informação, posteriormente trabalhada, com vista a desenvolver a componente disciplinar que o CAPI esteve sujeito.<sup>11</sup>

As fontes impressas constituíram, no entanto, um fiel apoio na redação do trabalho auxiliando a compreensão da informação obtida na fonte, fazendo uso de uma linguagem arcaica, o que se revelou umas das grandes dificuldades sentidas na consecução deste trabalho. De maneira a manter fidedigna toda a informação optou-se por fazer frequentemente o uso de transcrições mantendo sempre todo o conteúdo como este é apresentado nas suas fontes primárias.

A Revista Militar e a Revista de Artilharia, foram os outros pontos de apoio que fortaleceram a diversidade e seleção da informação recolhida.

Todo o processo inerente ao trabalho, desde a escolha do tema até ao seu término está assente nas três grandes etapas da investigação<sup>12</sup>, a ruptura, construção e a verificação<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> “Evidentemente, se o assunto fosse *As fontes do pensamento económico* de Adam Smith, as fontes primárias seriam os livros ou os escritos em que o autor se inspirou.” (Eco, 1984, p. 69).

<sup>12</sup> (Bourdieu, Chamboredon & Passeron, 1968)

<sup>13</sup> O presente trabalho foi apoiado nos “atos epistemológicos” desenvolvidos no estudo efetuado por Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*

## **Definição dos objetivos**

De forma a conseguir fazer-se um correto enquadramento da temática delimitou-se temporalmente o trabalho para o início do século XX, mais propriamente nos anos que antecederam imediatamente o conflito até ao fim do mesmo. Embora o CAPI só tenha entrado para o conflito no ano de 1917, é importante fazer referência à Artilharia Pesada Francesa e Inglesa antes da incorporação do Corpo.

A escassez de fontes referentes à temática é um facto, logo foram colocadas uma série de questões às quais se pretendem ver respondidas no final da dissertação.

Este trabalho tem como questão fulcral saber:

**QC: Teve o CAPI um papel essencial no desenrolar do conflito?**

Da questão supracitada surgem outras questões às quais devemos dar resposta:

**QD1: Como e em que moldes foi feita a preparação do CAPI?**

**QD2: Como foi equipado o CAPI?**

**QD3: Conseguiu o CAPI cumprir as missões que lhe confiaram, com sucesso?**

**QD4: Houve a ocorrência de problemas de âmbito disciplinar com o CAPI durante o seu empenho?**

Por forma a tornar coerente e possível o trabalho realizado houve a necessidade de estabelecer previamente um conjunto de hipóteses, visando atribuir uma resposta a cada uma das questões enunciadas.

**H1: Através de elementos conhecedores do ambiente operacional com material de Artilharia Pesada.**

**H2: O CAPI foi equipado com material proveniente do Exército Francês.**

**H3: Todas as missões foram cumpridas com sucesso.**

**H4: Houve a ocorrência de problemas disciplinares, mais especificamente em Inglaterra.**

## **Enunciado da estrutura do trabalho**

Seguindo as normas para a redação de trabalhos escritos da Academia Militar o trabalho tem a seguinte estrutura.

O resumo e o abstract compõem o início do trabalho seguido da introdução e seus respectivos subcapítulos. O estado da arte subdivide-se numa análise literária e de seguida num subcapítulo que abrange toda a informação recolhida acerca da temática.

Foi dedicado um capítulo relativo à metodologia e procedimentos aparecendo à posteriori o trabalho de investigação, cuja divisão é:

- A Artilharia Pesada sob via-férrea
- O CAPI no contexto operacional
- O CAPI no contexto disciplinar

Os capítulos acima mencionados foram subdivididos em subcapítulos. No primeiro abordou-se a introdução na guerra, o material e a preparação, observação e execução do tiro. No contexto operacional escalpelizou-se o CAPI no 6º Exército Francês abordando a sua preparação e a respectiva missão, seguidamente enunciadas as suas ações no 4º Exército Francês tais como a missão, os trabalhos na posição 262, a permanência na região de Sommesous e os trabalhos na construção e melhoramento das infraestruturas de apoio às operações militares.

No contexto disciplinar a indisciplina, os processos em tribunal e a censura foram as matérias objetivadas.

Por último foram tecidas umas considerações finais relativas a todo o trabalho, onde se incluem propostas para futuras investigações, servindo de base a novos estudos.

# Capítulo 1

## Estado da Arte

### 1.1 Análise literária

A temática da Artilharia sob via-férrea e nomeadamente sobre o CAPI carecem de avultadas informações e relatos, no entanto existem obras nas quais o presente estudo se apoiou por forma a contribuir para a realização do Estado da Arte. A obra do General Ferreira Martins, *Portugal na Grande Guerra (Vol. II)*, foi indiscutivelmente a referência primordial na investigação, caracterizada pelo seu rico detalhe em termos documentais, onde o seu estudo profundo e abordagem exaustiva se revelaram fundamentais para a redação da mesma. No entanto, é de salientar o facto de a sua obra atribuir demasiada ênfase à grandiosidade Portuguesa, caindo assim no exagero.

Outra importante referência foi a obra redigida pelos Coronéis Aniceto Afonso e Matos Gomes, publicada pelo Diário de Notícias, *Portugal – Grande Guerra* onde é feita uma abordagem abrangente de todo o conflito, focando os aspectos essenciais para a sua compreensão atribuindo, com carácter de predominância, a participação Portuguesa e incluindo, de uma forma geral, a ação do CAPI.

Como complemento à obra do General Ferreira Martins, é essencial fazer referência aos textos publicados pelo Coronel Almeida, intitulados de *A Artilharia Portuguesa na Grande Guerra*, onde de forma mais detalhada estão as principais ações da Artilharia Portuguesa, em todo o espectro do conflito. A informação é rica e detalhada contribuindo de forma incisiva para a compreensão do estudo do Corpo e delineando a sua redação com um estudo profundamente objectivo passando pelas suas origens até à sua extinção.

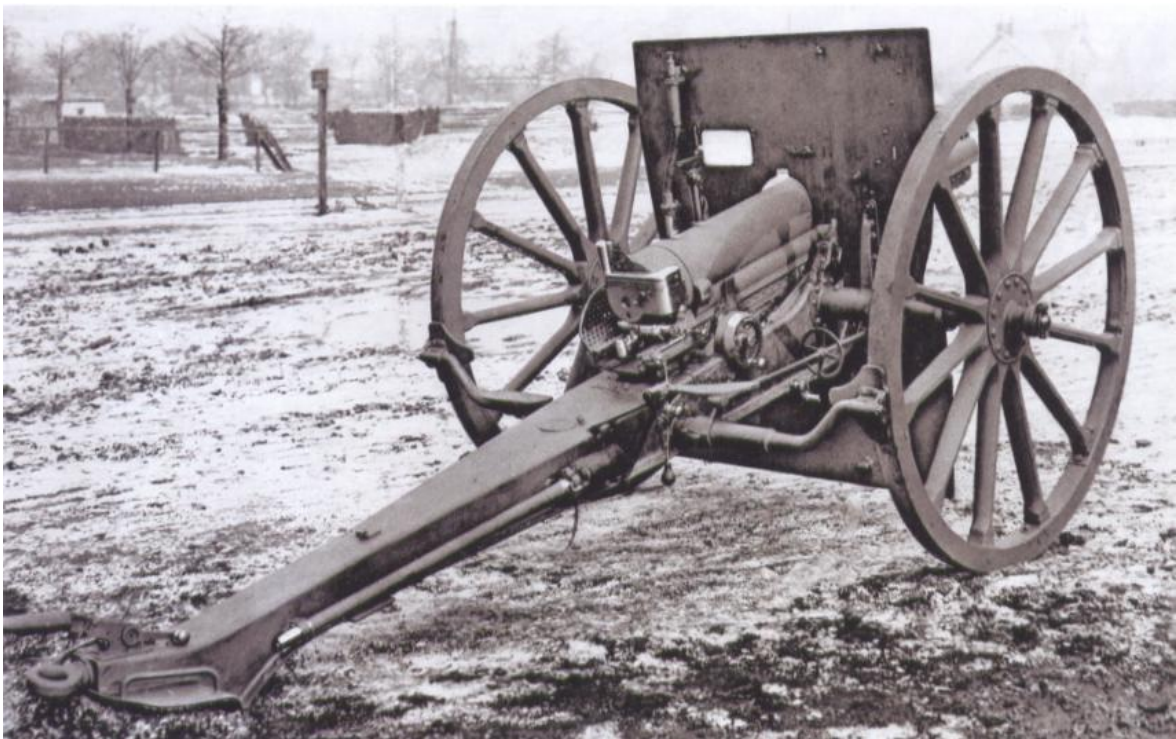
Por fim falta fazer referência à informação retirada da Revista de Artilharia, do ano de 1917, onde no texto *A missão do CAPI - Seus trabalhos de Maio a Dezembro de 1917*, a informação tratada foi útil por forma a compreender como o CAPI trabalhou e se organizou para o conflito que estava a prestar a enfrentar. O ponto negativo e que não pode

deixar de ser referido é o respetivo entendimento, no qual a linguagem utilizada torna-se por vezes um obstáculo no trabalhar da informação.

## 1.2 Uma passagem pelo CAPI

Os Franceses de forma a tentar acompanhar o desenvolvimento Alemão, em termos de Artilharia Pesada, além de irem buscar o seu material à Artilharia de Costa pediram auxílio a Portugal por duas vezes (Almeida, 1968, p.221).

Nos estudos de Martins (1938), Almeida (1968) e Afonso e Gomes (2003) o primeiro pedido surgiu em setembro de 1914 e tinha o intuito de obter a cedência do material, que equipava as unidades de Artilharia, do campo entrincheirado de Lisboa<sup>14</sup>, *Schneider 75mm*<sup>15</sup>.



**Figura Nº 1 - Schneider 75mm**

---

<sup>14</sup> Fortificação construída no final do século XIX, na qual, e conjuntamente com o respetivo contingente formaram um importante plano de defesa contra possíveis invasões (Santos, 2009)

<sup>15</sup> Ver Figura Nº 1 - *Schneider 75mm*.

Ao ser refutado<sup>16</sup> a França fez a elaboração de um outro, em setembro de 1916, pelo Ministro de França em Portugal, o Sr. Daeschner<sup>17</sup>, mas desta vez no sentido da aquisição de militares Portugueses, para poderem guarnecer a sua Artilharia. Esta solicitação é feita na sequência da visita de uma comitiva Francesa, na data supracitada, ao campo de Tancos<sup>18</sup>, que causou extraordinária impressão ao Governo Francês, podendo ser revista numa publicação<sup>19</sup> efetuada no *Le Petit Journal* :

*“Nous sommes enchantés de ce que nous avons vu, disait un des officiers de cette mission. Nous sommes d’avis que le soldat portugais est un des meilleurs d’Europe. Il est prêt à participer victorieusement aux combats des tranchées. Il est, comme disait de Général Marbot, un soldat courageux, sobre et loyal. Nous l’admirions déjà comme soldat d’Afrique. Nous sommes sûrs qu’il sera également à l’ hauteur de sa renommée européenne”* (Almeida, 1968, p.222). Isto veio afirmar o interesse Francês nos soldados de Portugal, sublinhando a importância da participação dos mesmos no conflito, atribuindo-lhes elogiosos traços de personalidade, tais como coragem e lealdade.

A 26 de dezembro, e não obtendo a França resposta à diligência, foi redigido um texto enfatizando a necessidade, com caráter urgente, do contributo Português, estando implícito o uso dos nossos Artilheiros, para auxílio à criação de um Corpo de Artilharia Pesada, composto por 20 a 30 Baterias (Almeida, 1968, p.222).

Um estudo de Afonso e Gomes (2003) refere-se que foi prometido, pelo Governo Português, o contingente necessário ao guarnecimento de 25 Baterias. No entanto, Portugal exigiu, um comando superior nacional, constituído por um Coronel de Artilharia e respetivos adjuntos. No dia 17 de maio, do decorrente ano, a prestação deste apoio ficou vinculada com uma convenção, denominada de “convenção militar para o emprego de forças Portuguesas de artilharia pesada na linha Francesa de operações em França”<sup>20</sup>, com

---

<sup>16</sup> Contudo existe uma opinião divergente, a do comandante do 1º Grupo do CAPI. De acordo com o autor houve efetivamente empréstimo do nosso material ao Exército Francês. c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – Do princípio da Grande Guerra à criação do C.A.P.I.

<sup>17</sup> “Diplomata francês, que representou o seu país em Portugal, tendo feito entrega das credenciais em 28-IV-1913” (s.a., 1945, 344)

<sup>18</sup> Em 09 de Julho de 1886 é criada uma comissão a fim de propor uma área para instalar um campo militar, vindo a escolha a recair em Tancos, o qual é inaugurado em 14 de Outubro de 1886 com a presença do rei D. Luís e do Ministro da Guerra Fontes Pereira de Melo (Exercito, 2010)

<sup>19</sup> 13 de Maio de 1917

<sup>20</sup> Consultar Apêndice B – *Cronologia*

a assinatura dos Ministros da Guerra Português e Francês, Norton de Matos<sup>21</sup> e Paul Painlevé<sup>22</sup>, respetivamente, de acordo com Martins (1938) e Almeida (1968).

Ficaram estabelecidos os alicerces para a criação do CAPI, sob o comando do Coronel de Artilharia João Clímaco Pereira Homem Teles (Martins, 1938, p.92). Este Corpo era composto por 3 Grupos a 3 Baterias e 1 Bateria de depósito. Surgiram então, de seguida, as nomeações dos oficiais necessários à ocupação dos cargos de comando, dentro do CAPI. Foram, para tal, convocados 4 Majores, 10 Capitães, 5 subalternos e 10 sargentos (Almeida, 1968, p.225). Segundo o estudo feito por Martins (1938), dos 4 Majores, 3 foram designados para comandantes dos 3 Grupos e 1 para a função de 2º comandante do Corpo. Os 10 Capitães foram destinados ao comando de cada uma das Baterias, incluindo a de depósito, comparecendo apenas à convocação 7 do total. Os restantes 3 encontravam-se indisponíveis; um pertencia ao estabelecimento fabril de arsenal do Exército, na qualidade de indispensável, um outro encontrava-se no estrangeiro para a compra de matéria-prima essencial ao fabrico de cartuchame<sup>23</sup>, enquanto o último era um acompanhante da delegação Portuguesa em Paris (Fernandes, 1917, p.77-78). Os convocados foram enviados à capital Francesa antes do restante Corpo de maneira a prepararem-se técnica, tática e moralmente para poderem enquadrar convenientemente o contingente que havia de chegar (Martins, 1938, p.92).

Com referência a um artigo publicado na Revista de Artilharia, por Fernandes (1917) os restantes dias do mês de maio de 1917 foram ocupados com a apresentação da comitiva acima enunciada aos altos comandos, visitas oficiais às autoridades Francesas, nas quais o Corpo viria a depender, bem como nos preparativos para instalar o contingente num campo de instrução adequado à missão.

Por decisão do General Comandante da RGAL o CAPI, havia de ficar provisoriamente nas proximidades de Bailleul-Sur-Thérain<sup>24</sup>.(Martins, 1938, p.92-93).

---

<sup>21</sup> Nasceu em Ponte de Lima em 1867 e faleceu em Lisboa em 1955. Enquanto CEME conseguiu que em poucos meses fosse criado um Corpo de Exército capaz de atuar na guerra. Defendeu sempre os interesses Portugueses nunca aceitando situações embaraçosas junto do governo de SMB. (Afonso&Gomes,2003, p.281)

<sup>22</sup> Foi um notável matemático e político Francês, nascido a 5 de Dezembro de 1863 em Paris. Ocupou os cargos de Primeiro-ministro e Ministro da Guerra por duas vezes. Era um militante eterno do partido republicano socialista. Morreu a 4 de Outubro de 1933 na sua cidade natal (s.a.,1945, p.977)

<sup>23</sup> “Provisão de cartuchos para armas de fogo” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.356)

<sup>24</sup> Consultar ponto 1, Anexo A – *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

Refere Almeida (1968), que no dia 1 de junho, iniciou-se o deslocamento de Paris “ficando os oficiais e sargentos alojados em casa dos habitantes e sendo a sua alimentação em grupos, nas popotes<sup>25</sup> privativas desses grupos” (Martins, 1938, p.93). De forma a conhecerem o equipamento que iria operar no conflito os oficiais começaram a sua formação com o estudo do material e respetivo emprego no campo de batalha. “A instrução do pessoal da missão começou pelo material de 320mm, utilizando 4 peças de um grupo Francês que ali se encontrava em descanso. Foram constituídas 2 comissões de oficiais para, a par e passo com a instrução, irem preparando os regulamentos, em Português, de manobra e tiro, para servirem na instrução das tropas quando chegassem de Portugal” (Almeida, 1968, p.225-226).

Fernandes (1917) refere ainda que foram disponibilizados para as tropas Portuguesas os regulamentos das peças, que se encontravam na unidade militar de Bailleul-Sur-Thérain e também os apontamentos retirados pelo contingente daquela unidade. As peças estabelecidas à instrução “eram conhecidas pelos nomes de *Bourrasque*, *Tempête*, *Simoun* e *Cyclone*” (Martins, 1938, p. 93). No dia 2 de junho sai em ordem de serviço o horário da instrução (Fernandes, 1917, p.80) começando a dia 5 e tinha como responsáveis, o Major Benoit e os Tenentes Guillermat e Scala, os três da arma de Artilharia (Almeida, 1968, p.226). Segundo a análise de Fernandes (1917) a instrução para os oficiais era dividida em teórica e prática enquanto para os sargentos o conteúdo era essencialmente prático, visando detalhadamente o conhecimento do material e o seu respetivo emprego no campo de batalha. Foi-lhes ainda ministrado um curso de instruções de transmissões e de sinalização e sendo o código Morse, o sistema à data utilizado, ensinou-se o respetivo código e a forma como este era empregue. Iniciou-se com uma técnica recorrendo ao uso dos braços, mais tarde com bandeiras e por último com heliógrafos<sup>26</sup>, conferindo assim, um elevado grau de proficiência à classe dos sargentos. Também tiveram instrução de panos de sinais<sup>27</sup>.

A partir do momento em que o conhecimento individual estava assimilado passou-se ao treino coletivo, no qual cada sargento tinha de saber, ao pormenor, o que cada

---

<sup>25</sup> Significado não encontrado; possibilidade: *refeitórios*

<sup>26</sup> “Aparelho muito simples cuja manipulação preparava para a utilização dos grandes projectores que se servem das baterias no acto da guerra para trocarem os seus sinais com os aviões de regulação” (Fernandes, 1917, p. 84-85)

<sup>27</sup> “ (...) Consiste na comunicação da terra para o avião feita por um certo número de indicações de serviço ou de tiro que resultam da disposição relativa de um, dois ou três panos de identificação (...)” (Fernandes, 1917, p. 85)

servente da boca-de-fogo executava. Com a chegada de uma guarnição Francesa<sup>28</sup> conseguiu-se treinar, durante várias semanas, as diferentes posições, consolidando a aprendizagem quando todos os instruendos se encontravam familiarizados com a “colocação e orientação das regras de pontaria e um perfeito conhecimento de todos os goniómetros<sup>29</sup>, níveis<sup>30</sup>, etc., (...), conhecimento dos vários métodos de pontaria (...)” (Fernandes, 1917, p.86).

Após isto, o Comandante do CAPI deu ênfase à urgência com que Portugal deveria fazer chegar a França todos os militares necessários ao preenchimento do Corpo, nomeadamente os militares atribuídos às especialidades e os serventes das bocas-de-fogo. Estes eram provenientes do 2º Batalhão de Artilharia de Costa e do Grupo de Artilharia de Guarnição e de maneira a serem enquadrados convenientemente, foi necessário providenciar os seus alojamentos. Esta ação ocorreu a 27 de agosto, numa visita do General da RGAL ao campo militar de Bailleul-Sur-Thérain, onde um antigo depósito de prisioneiros de guerra serviria para albergar os militares que haveriam de chegar (Martins, 1938, p.93-94).

Martins (1938) e Almeida (1968), assinalam, que em inícios de setembro, Portugal procedeu ao envio de 10 subalternos, onde em primeira instância apresentaram-se 3, destinados ao reforço do comando dos Grupos. No dia 10, do decorrente mês, chegaram os restantes 7 oficiais que foram reencaminhados para as Baterias. A instrução destes militares foi dividida em 3 partes<sup>31</sup>, ministrada sob a direção do Capitão adjunto do comando do Corpo (Fernandes, 1917, p.92).

“ (...), em 5 de Outubro, foi recebido um telegrama de Lisboa informando de que no dia 10 deveriam embarcar com destino ao CAPI, 40 oficiais, 100 sargentos e 700 cabos e soldados. Muito pouco depois, um segundo telegrama rectificava o anterior, comunicando que o número de sargentos era 90 e o das praças 850” (Almeida, 1968, p.227). O efetivo deu entrada no porto de Brest<sup>32</sup>, pelo *Pedro Nunes*<sup>33</sup>. Segundo Martins

---

<sup>28</sup> Com o intuito de “obter os 39 homens de que se compõe a guarnição de uma peça de 320<sup>mm</sup>” (Fernandes, 1917, p.86)

<sup>29</sup> Equipamento utilizado para o uso em bocas-de-fogo bem como para ações de levantamento topográfico.

<sup>30</sup> Os níveis “formam uma linha aberta que permite alinhar rapidamente, embora de modo aproximado, a luneta com o ponto a visar” (Universidade Minho, 2002)

<sup>31</sup> Uma primeira em nomenclatura e serviço da peça de 320<sup>mm</sup>. Segunda por aparelhos de pontaria, teoria da régua de pontaria e serviço de pontarias. Por último o serviço de sinalização e códigos de sinais para o avião (Fernandes, 1917, p. 92)

<sup>32</sup> Cidade localizada no noroeste Francês

(1938) foi por comboio que chegaram a Rochy-Condé<sup>34</sup> às 3 horas do dia 17 de outubro e às 4 horas e 30 minutos a Beauvais<sup>35</sup>. À chegada verificou-se que o efetivo proveniente de Portugal era diferente do descrito no telegrama, sendo contabilizados 20 oficiais, 44 sargentos e 714 cabos e soldados. “Em Rochy-Condé desembarcaram 180 homens e os restantes seguiram para os quartéis de Beauvais” (Martins, 1938, p.95). Estes quartéis eram conhecidos como o *Hospício dos Pobres e Taupin* (Martins, 1938, p.95)

A 22 de outubro começaram a ser construídos os novos alojamentos no campo militar de Bailleul. O trabalho foi levado a cabo por militares Franceses da especialidade de engenharia, com o auxílio de soldados Portugueses e foram, simultaneamente, designados para receberem instrução da peça de 190mm 2 Capitães, 2 subalternos e 4 sargentos, sendo o seu término no dia 28 do mesmo mês. Por esta altura é dada também a entrada dos vagões, para guarnecerem o 1º Grupo Tático (Martins, 1938, p.95-96).

O Corpo ficou dividido em 3 Grupos, compostos por 7 Baterias<sup>36</sup> e mais uma de depósito e um Grupo de Comando e Estado-Maior a 3 Baterias (Martins, 1938, p.96) e (Almeida, 1968, p.228). Os Grupos que formavam o CAPI eram, individualmente, constituídos por uma Bateria de 320mm e duas de 240mm ou 190mm, onde as primeiras eram as designadas peças de grande potência e as últimas por média potência. As peças de 320mm tinham um alcance máximo superior aos 20km, nas outras o mesmo alcance era de 18km e 12km, respetivamente. (Almeida, 1968, p.226-230). “Os deslocamentos eram rápidos, e as próprias linhas férreas serviam de plataformas de tiro. A dispersão de tiro era muito pequena, mesmo nos alcances máximos” (Almeida, 1968, p.229).

O CAPI tinha as “condições de poder ser empregue para bater: pontos de apoio fortemente organizados, localidades e estações de caminhos-de-ferro importantes, nós de comunicações, pontes e vias de comunicação de reabastecimento, parques, bivaques, posições de artilharia com fortes abrigos, parques de aviação e instalações de balões cativos” (Almeida, 1968, p. 230). Como afirma Martins (1938), no seu estudo, tinha como principal característica bater objectivos inalcançáveis por outro tipo de peças.

---

<sup>33</sup> Embarcação que fez jus ao nome do cosmógrafo Pedro Nunes que descobriu que a trajetória mínima percorrida por um barco entre dois pontos da terra é um arco de circunferência e não uma linha recta.

<sup>34</sup> Consultar ponto 9, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>35</sup> Consultar ponto 2, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>36</sup> (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 7ª, 8ª e 9ª)

Apesar de todos os esforços Portugueses, relativos ao completamento do Corpo, não foi conseguido o efetivo necessário para preencher organicamente nenhum dos Grupos. O material necessário à instrução não era em número suficiente, nomeadamente na palamenta e acessórios, material topográfico, planos diretores, plantas, ramais e material telefónico. A instrução comum das tropas, começou no dia 10 de novembro, com a peça de 320mm e no dia seguinte o Comandante do Corpo, Homem de Teles e seu adjunto<sup>37</sup>, partiram para Lisboa para serem colocados numa outra unidade militar. Para o efeito foi nomeado, no dia 29 do mesmo mês, provisoriamente, a Comandante do Corpo, o Major Xavier Pereira. Este deparou-se com a escassez do efetivo optando preencher o 1º Grupo com elementos dos outros dois, de forma a entrar no conflito o mais rapidamente possível (Almeida, 1968, p.232).

Mais tarde, a 15 de janeiro, o comando do CAPI foi transferido para o Tenente-Coronel Tristão da Câmara Pestana, onde de imediato, vetou a medida que o Major Xavier Pereira propusera, pois foi informado que estavam prestes a receber mais um contingente Português, que havia de dar entrada a dia 18, a bordo do vapor francês *Rome*. Este apoio deu um forte contributo permitindo completar organicamente os 1º e 2º Grupos e alcançando assim as condições necessárias para receberem instrução, mais intensivamente, de forma a poderem ser empregues, num curto espaço de tempo. Através do excelente desempenho demonstrado pelas tropas Portuguesas, em todas as sessões, o General Maurin endereçou uma carta, ao Comandante do CAPI, no dia 13 de fevereiro, a felicitar o contingente, salientando a importância do seu emprego em missões futuras (Martins, 1938, p.99) e (Almeida, 1968, p.232). “Tais eram as lisonjeiras disposições técnicas e morais que animavam o corpo Português, quando de súbito, sem a mais ligeira indicação anterior, foi recebida, no mês de Fevereiro, a notícia de que o CAPI ia ser incorporado no CEP em reforço da artilharia pesada deste corpo...” (Martins, 1938, p.99).

Ainda segundo o mesmo autor, em finais do ano de 1917, haviam ocorrido divergências, de âmbito político entre os Governos Português e Britânico, e às quais o Governo Francês não teve capacidade de oposição, levando à incorporação de parte do Corpo no CEP. Este facto, não causou um prejuízo para o França, de forma catastrófica, uma vez o seu Exército tinha organicamente pessoal, de origem americana, para guarnecimento do material de Artilharia Pesada.

---

<sup>37</sup> Major José Paulo Fernandes Júnior

A notícia transmitida pelo Ministro da França, Émile Daeschner, em 26 de fevereiro de 1918, enfatizou a necessidade da incorporação com “vantagem de garantir uma maior homogeneidade e ao mesmo tempo um reforço apreciável à artilharia do exército Inglês” (Martins, 1938, p.100). O Coronel<sup>38</sup> Tristão da Câmara Pestana mostrou-se relutante em anuir à ordem e argumentou não haver “um perfeito acordo de vistas entre os desejos do comando Francês, aliás muito favoráveis à continuação dos Portugueses como colaboradores, e os do governo Francês, menos conservadores e cordiais (...)” (Martins, 1968, p.100). Segundo Almeida (1968), o pedido foi redigido a 11 de março do decorrente ano.

No dia 14, chegou um telegrama dizendo que todas as providências haviam sido tomadas para que o Corpo fosse transferido para o Exército Britânico, no entanto “a fracção do CAPI, pronta da instrução e completa em material, ia obedecendo às ordens do comandante da artilharia Francesa a que estava subordinada, entrar em campanha na frente Francesa” (Martins, 1938, p.100). Assim sendo, no dia 12, a 1ª Bateria do 1º Grupo, comandada pelo Capitão António Gonçalves Pinto Júnior, marchou para Vailly-Sur-Aisne<sup>39</sup>, às 20 horas e 30 minutos, cumprindo assim a ordem que havia sido dada na véspera. O objetivo desta missão era destruir algumas Baterias inimigas, registadas por fotografia aérea, dissimuladas num bosque, a sul de Aizelles. A posição ocupada pelo CAPI foi a n.º 756<sup>40</sup>, dos ramais de Soupier<sup>41</sup> (Martins, 1938, p.101) e (Almeida, 1968, p.235), “coberta, para o norte, pelo planalto do celeberrimo *Chemin des Dames*, rasgado nessa altura pela ravina arborizada que conduz à herdade de ‘*Cour de Soupier*’, à entrada da qual ficam os restos da povoação de *Soupier*” (Martins, 1938, p.101).

Segundo os autores Martins (1938) e Almeida (1968), a Bateria abriu fogo a uma distância de 17700 metros, perfazendo um total de 60 tiros atingindo um resultado de tal forma satisfatório que o observador aéreo Francês conclui a transmissão da observação com *Bravo Portugais*<sup>42</sup>.

Martins (1938) afirma que as tropas chegaram ao campo militar de Bailleul-Sur-Thérain na certeza de que a qualquer momento passariam a estar sob o comando Britânico,

---

<sup>38</sup> Entretanto promovido

<sup>39</sup> Consultar ponto 3, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>40</sup> Posição não referenciada em qualquer dos mapas em arquivo.

<sup>41</sup> Consultar ponto 4, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>42</sup> Termo usado para congratular o desempenho das tropas Portuguesas

no entanto, os desenvolvimentos da guerra adiavam indeterminadamente esta ordem de marcha.

A 21 de março foi desencadeada a grande ofensiva Alemã, com vista a romper a frente Franco-Britânica (Almeida, 1968, p.236), iniciando-se com batalha da Picardia, em que o General Ludendorff<sup>43</sup> tencionava por em prática o seu plano de vitória. “1º- fazer uma brecha profunda entre os exércitos Francês e Inglês e tomar Amiens; 2º- prosseguir com ofensivas divergentes e, por um lado, esmagar o exército Inglês impelindo-o sobre o litoral e, por outro lado, procurar o caminho de Paris pelo Oise, torneando o Exército Francês” (Martins, 1938, p.102). Face a tais acontecimentos, o CAPI foi colocado de parte pois era referenciado como “esse pequeno organismo de Artilharia Português” (Martins, 1938, p.102). O Comandante do Corpo levou como ofensa a sua inação e ofereceu os seus serviços ao Alto Comando Francês, enviando ao General Herr<sup>44</sup>, a 26 de março, a seguinte nota:

“O CALP, sob o meu comando, enquanto não recebe ordens definitivas sobre o seu ulterior destino, desejando contribuir com o seu modesto esforço para a vitória dos aliados na grande batalha que actualmente está travada, põe-se incondicionalmente à disposição de V.Ex.<sup>a</sup>, caso V.Ex.<sup>a</sup> julgue poder utilizá-lo” (Almeida, 1968, p.236).

Com o avançar da guerra as posições ocupadas, pelo Corpo, em Bailleul-Sur-Thérain, tornaram-se insustentáveis, obrigando os militares a partirem para o campo de Mailly<sup>45</sup> “levando todo o material que fosse transportável. Efetivamente no dia 29 de Março partia o corpo para Mailly em três comboios. Entretanto o General Herr tinha transmitido ao GQG a oferta dos serviços dos portugueses e as suas propostas de emprego do corpo foram aceites” (Martins, 1938, p. 103). No dia 5 de abril, foi recebida a ordem, por telegrama, de colocar parte do CAPI à disposição do GQG Francês, onde foi solicitado o envio de relatórios diários com o emprego das nossas forças, no campo de batalha. Por decisão do General citado foi estipulado que só o 1º Grupo e o Estado-Maior do Corpo, acompanhassem o Exército Francês; o restante deveria partir para a respetiva incorporação no CEP (Martins, 1938, p. 103) e (Almeida, 1968, p.238).

---

<sup>43</sup> Entrou para a Academia de Guerra no ano de 1893 e aos 17 anos de idade já tinha o posto de alferes. Foi o encarregado de providenciar um plano para a concentração de forças no caso da violação da Bélgica, país neutral. Participou no ataque a Liège em Agosto de 1914 e foi o líder da grande investida primaveril Alemã em 1918. (s.a., 1945, 564)

<sup>44</sup> Não foi encontrada qualquer referência à personalidade mencionada.

<sup>45</sup> Consultar ponto 5, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

A 6 de abril foi recebida nova ordem, proveniente do Alto Comando Francês, na qual estipulava que as 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> Baterias do 1º Grupo ficariam sob a alçada do 4º Exército Francês, sendo “artilhadas com material de 190mm e seriam destinadas a fazer parte do agrupamento de St. Rémy-sur-Bussy<sup>46</sup>, perto de Suippes. Este IV Exército operava na *Champagne*, a leste de Reims, e era comandado pelo general Gouraud que nos Dardanelos perdera o braço direito” (Martins, 1938, p.103-104). À 1ª Bateria como ainda não havia sido atribuído material, aguardavam por diretrizes em Mailly, segundo o mesmo autor. Seguindo o estudo de Almeida (1968), o restante contingente partiu, a 9 de abril para Havre<sup>47</sup>, sob o comando do Tenente-Coronel Daniel Rodrigues de Sousa.

O 1º Grupo, exceto a 1ª Bateria, foi empregue a 18 de maio, ocupando os ramais da ALGP 162 e 168<sup>48</sup> e tinham como objetivos a trincheira de comunicação de Altona e os observatórios da trincheira da herdade de Ripont. Partiram para a posição de tiro no dia 16, às 19 horas e regressaram a 18, à noite, sendo o tiro efetuado a uma distância de 9800 metros e com observadores no terreno. Ao todo foram gastas 182 munições, 58 disparadas pela 2ª bateria e 124 disparadas pela 3ª. A 2ª teve um menor consumo de munições devido à morosidade da observação (Martins, 1938, p.104-105) e (Almeida, 1968, p.238). “As informações finais dos resultados do tiro diziam que o da 3ª bateria fora magnífico e o da 2ª bom, mas um pouco mais moroso” (Martins, 1938, p.105).

Em 27 de maio a Alemanha começou a avançar sobre as posições da frente, ocupadas pela Artilharia Francesa, obrigando estes a retirarem o seu equipamento. Consequentemente, o mesmo se sucedeu com o 1º Grupo do CAPI, onde a 2ª e 3ª Bateria se reuniram com a 1ª, no campo de Mailly (Martins, 1938, p.105-106) e (Almeida, 1968, p.240). A retirada veio trazer consequências ao Corpo Português pois “em 11 de Junho, o grupo é informado que já não fazia parte do agrupamento de St. Remy, ficando à disposição do GQG e devendo somente receber ordens da 1ª Divisão da RGA”(Martins, 1938, p.106).

Em 25 de junho o comandante do CAPI recebe uma nota da RGA, na qual é enfatizada a necessidade do 1º Grupo seguir para Havre, com vista a desembarcar em Inglaterra, juntando-se ao restante Corpo (Almeida, 1968, p.240). Por outro lado, segundo o estudo de Martins (1938), não foi do interesse do Ministério do Armamento Francês a

---

<sup>46</sup> Consultar ponto 6, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>47</sup> Cidade Francesa localizada a norte do país e com grande proximidade a Inglaterra.

<sup>48</sup> Consultar Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

saída do CAPI e foi proposto ao Grupo o seu emprego em trabalhos para a defesa do campo entrincheirado de Paris, consistindo na “construção de trincheiras contra bombardeamentos aéreos, carga e descarga de material e guarda ao depósito de munições e ramais de tiro” (Almeida, 1968, p.240).

A 20 de setembro o Governo Português anuiu ao acordo, o qual causou a insatisfação do Comando do Corpo que tentou remediar a situação redigindo àquele as suas intenções da participação na verdadeira missão, o combate. O Governo não respondeu aos pedidos mencionados, levando o Comando Francês a colocar o contingente na região de Saint-Hilaire Le Grand<sup>49</sup>, a 8 de outubro, vulgarmente conhecido como o ‘destacamento dos trabalhadores Portugueses’ onde tinham como ofício a construção de uma nova linha férrea que ligava Suippes<sup>50</sup> a St. Martin L’Heureux<sup>51</sup> com a cooperação de civis, prisioneiros e das tropas especiais Italianas. Este plano foi crucial, uma vez que os Alemães tinham por hábito destruir o sistema de comunicações quando se retiravam de determinado local. Por outro lado, foi deveras importante para que a Artilharia Pesada pudesse fazer tiro, sendo fundamental a reparação das estradas e vias férreas (Martins, 1938, p.108-109).

A 25 de outubro as 1<sup>as</sup> e 2<sup>as</sup> Baterias juntamente com o Estado-Maior deslocaram-se para a região de Autry<sup>52</sup> enquanto a 3<sup>a</sup> Bateria foi destinada para Minancourt<sup>53</sup>, fazendo serviços nos depósitos de munições, carregando e descarregando-as, para a preparação de uma ofensiva que havia de começar no dia 1 de novembro (Martins, 1938, p.109) e (Almeida,1968, p.241).

“No dia 6 de Novembro os comunicados anunciavam um movimento de retirada geral dos Alemães em toda a frente sob a acção dos sucessos obtidos pelas ofensivas aliadas dos últimos dias” (Martins, 1938, p.109).

Os Alemães começaram a perder a guerra, “sentindo-se exaustos, caminhavam para a derrota. Efetivamente nunca mais as tropas aliadas deixaram de progredir e as inimigas de retirar. No dia 11 de Novembro às 11 horas era assinado o armistício e desde então restabeleceu-se o silêncio da paz em toda a frente da batalha” (Martins, 1938, p.110).

---

<sup>49</sup> Consultar ponto 7, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>50</sup> Consultar ponto 8, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>51</sup> Não foi encontrada a posição da localidade supracitada.

<sup>52</sup> Consultar ponto 10, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>53</sup> Consultar Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

No dia 10 de novembro, foi dada a ordem para marcharem para Inglaterra, chegando dia 12 ao Havre, sendo os militares efusivamente saudados pela população circundante. “ (...) o próprio comboio ia enfeitado com bandeiras Portuguesas e Francesas e com ramos de folhagem colhidos nas paragens. (...) A notícia do armistício aliviava a humanidade inteira do maior pesadelo que, desde o início do mundo, sobre ela caíra” (Martins, 1938, p.110-111).

Almeida (1968) salienta que no dia 15 do mesmo mês, o Grupo desembarcou em Aire-sur-la Lys<sup>54</sup> e em 16 alojou-se em Crecques<sup>55</sup>. Entretanto, no dia 30, o General Comandante do CEP dissolveu o comando do CAPI, ligando apenas o 1º Grupo à 2ª Divisão do CEP, e passou a denominar-se Grupo de Artilharia Pesada.

Este Grupo teve ainda como missão “o arrasamento de trincheiras e levantamento de arame farpado numa zona próxima, trabalhos que se prolongaram até Março de 1919” (Martins, 1938, p.111).

“Foi o único grupo de artilharia pesada que conservou até ao final a sua organização e a última unidade dessa arma que regressou a Portugal” (Almeida, 1968, p.243).

---

<sup>54</sup> Consultar ponto 11, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>55</sup> Consultar ponto 12, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

## Capítulo 2

### A Artilharia Pesada sob via-férrea

#### 2.1 A introdução na guerra

A corrida ao armamento pesado começou desde muito cedo a fazer parte integrante das prioridades dos países intervenientes na guerra, sendo os Alemães pioneiros na sua aquisição, exibindo esta capacidade, aquando da invasão a Liége<sup>56</sup>, em 1914, com “os efeitos devastadores de um morteiro austríaco fabricado pela *Skoda*, de 42cm de calibre, que se deslocava por via-férrea, e disparava uma granada de 1.130Kg, contendo uma carga de 120Kg de alto explosivo e tendo um alcance de 7Km ” (Afonso e Gomes, 2003, p.443).

Segundo Afonso e Gomes, e com vista a bater alvos em profundidade, os Alemães foram buscar as peças de grande calibre às existentes nos seus couraçados e adaptavam-nas a fim de conseguirem uma maior elevação e conseqüentemente atingirem maiores alcances. “(...) Esta técnica teve a sua expressão máxima com o ‘*Grande Max*’, que era uma peça naval de 15 polegadas (381mm), modificada para 8,6 polegadas (218mm) e com um tubo acrescentado, podendo disparar, com uma inclinação superior a 45°, uma granada de 102Kg, dos quais 73 de alto explosivo, a cerca de 115Km de distância (...)” (Afonso e Gomes, 2003, p.444).

Para fazer frente à criação Alemã, os Franceses decidiram criar um corpo de Artilharia Pesada, que marcava o seu deslocamento por via-férrea. O emprego deste tipo de armamento já havia sido empregue, noutros moldes, anteriormente<sup>57</sup>. “Baseava-se nas peças de grande calibre da artilharia de costa, desviadas das suas fortalezas tornadas inúteis

---

<sup>56</sup> Consultar ponto 15, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>57</sup> “(...) , remonta à guerra civil da América do Norte. Na campanha do Transvaal os ingleses empregaram o processo” c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

pelo desenvolvimento da guerra, mas agora montadas em plataformas de caminho-de-ferro e destinadas a missões de tiro especiais” (Afonso e Gomes, 2003, p.444).

## 2.2 O material

O CAPI, subordinado à RGA Francesa, obteve o seu material de uma unidade francesa, criada para fazer frente à Artilharia Pesada Alemã. Esta unidade era conhecida como ALVF, e era um organismo de Artilharia Pesada que marcava o seu deslocamento por via-férrea.

Nos finais de 1915, a ALVF tinha em orgânica material de 190mm, 240mm, 274mm, 305mm, 320mm, 340mm, 370mm e 400mm, encontrando-se ainda em construção uma peça de 520mm. O material encontrava-se sob um reparo e eram classificadas em 2 grupos:

- Consoante o sítio de onde realizavam o tiro
- Consoante a sua capacidade no tiro horizontal

O primeiro ponto referia-se ao local onde se executava o tiro, diretamente na via-férrea ou através de uma plataforma solidária com a mesma. A sua capacidade, ou não, de fazer tiro a 360° era a condição explícita no segundo item<sup>58</sup>. Ir-se-á reforçar as peças de 190mm, 240mm e 320mm, pois foram estas que equiparam os militares do CAPI.

Relativamente à peça de 320mm existiam 3 modelos distintos, o 1870-81, 1870-84 e 1870-93 “diferindo entre si: o primeiro dos dois outros no comprimento da alma<sup>59</sup>, respectivamente de 25 e 30 calibres; e uns dos outros nos sistemas da culatra<sup>60</sup> e pequenas particularidades”<sup>61</sup>.

O reparo existente no material não permitia colocar uma elevação superior a 40° e dada a natureza do mesmo não era exequível efetuar pontarias em direção, a não ser pelos

---

<sup>58</sup> Idem

<sup>59</sup> Comprimento do tubo

<sup>60</sup> “parte móvel do mecanismo de carregamento das armas de fogo de retrocarga, destinada a introduzir a munição na câmara, travá-la, obturá-la e a extrair o invólucro após a explosão da carga propulsora” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.510)

<sup>61</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

ramais de tiro<sup>62</sup>, que tinham uma graduação própria e serviam de orientação às bocas-de-fogo<sup>63</sup>. A granada da peça de 320mm pesava cerca de 387Kg e os alcances dependiam dos modelos já referenciados. No caso do 1870-81 chegavam aos 16200 metros e nos restantes aos 20600 metros. Durante as missões de tiro as munições, transportadas em vagões<sup>64</sup> especiais, ficavam à retaguarda da boca-de-fogo, e quando necessárias eram transportadas através de uma “comprida calha montada num truck<sup>65</sup> e fazendo vai-vem entre o vagão de munições e o reparo<sup>66</sup>-truck”<sup>67</sup>.

Cada Bateria de 320mm, tinha dois tipos de trens<sup>68</sup>, os de tiro e os de acantonamento<sup>69</sup>. Os primeiros eram compostos pelas “4 peças, 4 transportadoras, 4 ou mais vagões de munições, 2 vagões de palamenta, 1 vagão comando (...)”<sup>70</sup>. Era usual haver uma locomotiva para cada peça. Os trens de acantonamento tinham “4 trucks de vigotas<sup>71</sup>, 1 vagão secretaria, 1 vagão para oficiais, 1 para sargentos, 5 para cabos e soldados, 1 vagão-cozinha, 1 vagão de víveres, vagões cisternas e de carvão e 1 ou 2 locomotivas”<sup>72</sup>.

“A guarnição de cada peça compunha-se de 1 sargento, 4 cabos, 30 soldados serventes, 1 telefonista e 3 artífices”<sup>73</sup>.

---

<sup>62</sup> “Tinham uma forma circular, o que permitia disparar em qualquer direcção, ou mais frequentemente em arco de círculo, com os vários ramais, tantos quantos as peças, dispostos de forma a facilitar a regulação do tiro de todas as peças sem perdas de tempo” (Afonso e Gomes, 2003, p.445)

<sup>63</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>64</sup> “veículo ferroviário, que pode ser automotora, destinado normalmente a transporte de mercadorias” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.1832)

<sup>65</sup> “(...); camião, camionete de carga.” (s.a.,1973, p.724)

<sup>66</sup> “(...), suporte móvel ou fixo de uma boca-de-fogo ou arma pesada destinada automática, destinado a oferecer apoio estável ao tiro e a permitir a execução mecânica da pontaria” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.1551)

<sup>67</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>68</sup> “conjunto de militares e de viaturas que fornecem à unidade a que pertencem apoio de abastecimentos, evacuação e manutenção” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.1786)

<sup>69</sup> “modalidade de estacionamento militar, com utilização de edificações já existentes no local; aquartelamento” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.28)

<sup>70</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>71</sup> “(...) material de via-férrea para arranjos e adaptações na linha,(...)” (Afonso e Gomes, 2003, p.445).

<sup>72</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>73</sup> Idem

### 2.3 A preparação, execução e observação do tiro

Para que as bocas-de-fogo conseguissem efetuar tiro com sucesso tinham de realizar uma série de operações, denominadas de “operações preliminares”, “cálculos preparatórios dos elementos topográficos e de pontaria” e o “cálculo definitivo dos elementos iniciais do tiro”<sup>74</sup>. O sistema Lambert<sup>75</sup> proporcionava a realização das operações preliminares em simultâneo com a construção dos ramais de tiro. Após isto, eram verificadas e procedia-se à determinação das coordenadas dos ramais e possíveis pontos de referência, que se encontrassem nas imediações. A graduação dos ramais de tiro era o último detalhe a ser tratado<sup>76</sup>.

Os cálculos preparatórios dos elementos topográficos e de pontaria eram “feitos a seguir à designação do objectivo”<sup>77</sup> e com a Bateria “em posição”<sup>78</sup>.

Tudo isto seguia a seguinte ordem:

- “Determinar distância entre os centros das plataformas ou ramais e o alvo ou ponto de regulação; o dos azimutes dessas direcções; o das correcções a introduzir no alcance (elevação) e direcção para atender à influência do ângulo de sítio<sup>79</sup>, da derivação<sup>80</sup>, da paralaxe do ramal, do lote das munições empregue, dos erros dos aparelhos de pontaria e do regime relativo<sup>81</sup> das bocas de fogo e ainda nos tiros a muito grande distância, da curvatura e da rotação da terrestres”<sup>82</sup>. O tiro de Artilharia podia ser executado por “salvas de bateria”<sup>83</sup> ou por “rajadas”<sup>84</sup>. Nas salvas cada peça fazia um tiro, começando num dos

---

<sup>74</sup> Idem

<sup>75</sup> Sistema usado na altura para se fazer a referenciação de lugares usando um sistema de coordenadas.

<sup>76</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>77</sup> Idem

<sup>78</sup> Idem

<sup>79</sup> “Ângulo agudo vertical formado pela linha de sítio com o horizonte da arma. Pode ser positivo ou negativo” (EME, 2007, pp.7)

<sup>80</sup> É o ângulo horizontal medido entre o plano de projecção e o plano vertical que contém a origem e um ponto qualquer da trajetória” (EME, 2007, pp.8)

<sup>81</sup> “Traduz a diferença de velocidades iniciais entre cada boca-de-fogo e outra, previamente seleccionada para padrão (bfD)” (EME, 2007, pp. 8)

<sup>82</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>83</sup> Idem

<sup>84</sup> Idem

lados e segundo determinado intervalo de tempo. As rajadas consistiam em cada boca-de-fogo fazer o número de tiros previstos no menor intervalo de tempo possível<sup>85</sup>.

Durante o tiro havia dois períodos; o da regulação e o da eficácia. No primeiro caso, pressupunha um ajustamento do tiro, de modo a levá-lo ao local pretendido<sup>86</sup>. Na eficácia pretendia-se obter os efeitos em determinado objetivo.

A fase da observação do tiro podia ser efetuada por duas vias: terrestre e aérea, através de forças em observatórios ou em balões/aeroplanos, respetivamente. Todas as comunicações da Bateria para o escalão superior, equipas de referenciação e balões eram por via do telefone<sup>87</sup>, “... com os aeroplanos, por projectores e quadros de tela (*panneaux*); destes com as baterias, por telegrafia<sup>88</sup> sem fios ou, excepcionalmente, por despachos lacrados”<sup>89</sup>.

---

<sup>85</sup> Idem

<sup>86</sup> Denominado ponto de regulação

<sup>87</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

<sup>88</sup> “sistema electromagnético de transmissão de sinais escritos à distância” (Costa, J. A., & Melo, A. S., 1997, p.1728)

<sup>89</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro – A Missão do C.A.P.I.

---

## Capítulo 3

### O CAPI no contexto operacional

#### 3.1 O Corpo no 6º Exército Francês

##### 3.1.1 A sua preparação

O CAPI encontrava-se em treinos no campo militar de Bailleul-Sur-Thérain, quando no dia 13 de fevereiro de 1918, o General Maurin fez uma visita e mostrou-se extremamente agradado com o nível de proficiência demonstrado na instrução pelo Corpo. Nesta altura, já tinha tomado posse<sup>90</sup> o Tenente-Coronel Tristão da Câmara Pestana, informado de uma possível reorganização do CAPI.

A 1 de março o 1º Grupo, mais especificamente, “a Iª Bateria partiria para afrente a fim de executar uma sessão de fogo contra o inimigo”<sup>91</sup> e passados três dias receberam material de combate, nomeadamente, capacetes e máscaras para todo o seu pessoal<sup>92</sup>. No dia seguinte, o Comandante do Corpo tentava, por todos os meios, fazer ver ao Ministro da Guerra a importância que o CAPI tinha dentro da RGA, além da missão a desenvolver com uma das Baterias<sup>93</sup>.

Porém, o comando do Corpo, não tardou a receber a notícia, via telegrama, proveniente de Lisboa, a informação da sua passagem para Inglaterra, junto do CEP e em

---

<sup>90</sup> 15 de Janeiro de 1918 (Martins, 1938, p.99)

<sup>91</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“A ida à frente do 1º Grupo)

<sup>92</sup> Simultaneamente o General *Herr* toma funções como Inspetor Geral da Artilharia e Comandante da RGA - Idem

<sup>93</sup> Idem

reforço do CAP. Tomou então a iniciativa de ir ao Quartel-general daquele organismo ver o que se passava na frente Inglesa. O comandante constatou, com desagrado, que o apoio e consideração que recebiam dos Franceses era indelevelmente superior ao recebido pelo CAP. Esta insatisfação tomou tamanhas proporções que julgou inaceitável a situação que o Comando Português criou ao CAPI, pedindo a destituição do cargo, caso Portugal não enviasse o efetivo necessário para completar o Corpo<sup>94</sup>. A decisão havia sido tomada através de um consenso Britânico e Francês<sup>95</sup>.

A Ordem de Corpo, do dia 11 de março, determinava que a 1ª Bateria<sup>96</sup>, partiria de Bailleul-Sur-Thérain para a região de Vailly, com o seu Estado-Maior, aguardando ordens do 6º Exército Francês para ocuparem a posição, em dois comboios<sup>97</sup>, espaçados 5 horas<sup>98</sup> entre si. Durante a tarde, os militares prepararam o trem de acantonamento do Estado-Maior do Grupo, ao qual se agregavam um vagão para oficiais e um vagão cozinha, proveniente de uma Bateria de 190mm.

No dia 12, como planeado, o deslocamento do Grupo ocorreu sem qualquer tipo de percalços, chegando os comboios a Vailly às 16 horas e 30 minutos e 20 horas e 30 minutos, respetivamente. Ocupada a posição foram difundidas ordens, com vista a desenvolver a segurança e a disciplina no Grupo, assim como, as comunicações deste para a central da região de Vailly. No entanto, os problemas com esta central impediram o estabelecimento de comunicações, tornando necessário adotar um plano de contingências, que passava pela ligação à estação de Nauroy<sup>99</sup>.

### 3.1.2 A missão

---

<sup>94</sup> No entanto a decisão havia sido tomada pelos Altos Comandos Franceses e Britânico - Idem

<sup>95</sup> Idem

<sup>96</sup> 320mm

<sup>97</sup> “Cada peça de 32cm com o seu trem de combate formava um combóio. Cada trem de combate era, geralmente, constituído, além da viatura, peça e do vagão transportador anexo, por um ou mais vagões de munições, um vagão de vigotas de ferro para assentar na via com o material a complementar para o assentamento, um vagão de palamenta e acessórios com material diverso para o serviço de limpeza da peça e reservas, uma locomotiva e o respectivo vagão-cisterna” (Martins, 1938, p.98)

<sup>98</sup> O primeiro partia às 8 horas e o segundo às 13 horas c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“A ida à frente do Iº Grupo))

<sup>99</sup> “A mais de 2 km. da garage”, no entanto não foi referenciada em mapa. Idem

A posição que o Grupo haveria de ocupar para realizar a sessão de tiro seria em Soupir, na posição 756, e como tal o Comandante da Bateria foi a Missy-Condé, coordenar ações com o aviador, que havia de observar o tiro<sup>100</sup>.

Na manhã de 15, chegaram à região as equipas responsáveis para a montagem das comunicações da Central e do posto de TSF<sup>101</sup>. Durante a tarde, o Comandante do Grupo tomou conhecimento da missão específica do CAPI. Esta operação consistia na destruição de Baterias Alemãs, localizadas a Sul de Aizelles<sup>102</sup>, a cerca de 18km. A observação seria efetuada através das vias aérea e terrestre, sendo esta última em 3 observatórios. Foram disponibilizadas 100<sup>103</sup> munições, para a consecução desta missão.

Na análise documental verificou-se a referência apenas ao emprego de uma Bateria independente e não a um Grupo. Deste modo, o Major Luciano José Cordeiro<sup>104</sup> dirigiu-se ao Comandante do Corpo, pedindo para “ser um mero espectador” de forma a facilitar a comunicação da Bateria para a Artilharia do Exército. O pedido foi refutado pois, no entender do Coronel, a Convenção Militar, assinada em 1917, não previa o emprego de uma Bateria isolada, mas sim de um Grupo<sup>105</sup>.

“Convencionou-se então que o Grupo receberia a ordem para marchar para a posição tres horas antes, pelo menos, da marcada para a abertura do fogo, tempo que o Comandante do Grupo julgava mínimo indispensavel para a série de operações que a bateria teria de efectuar: deslocamento para a posição e entrada em bateria, estabelecimento das linhas interiores e das réguas, cálculo definitivo dos elementos iniciais do tiro, carregamento, pontaria e assentamento dos reparos sobre as vigotas”<sup>106</sup>.

No dia 16, às 9 horas e 50 minutos, o chefe da missão Francesa<sup>107</sup> ordenou ao Comandante do Grupo a partida imediata para a posição estipulada, não informando no entanto, a janela de tempo na qual ocorreria o tiro. Nesta sequência, partiram dois comboios da estação de Vailly; o 1º às 10 horas e 45 minutos e o 2º às 11 horas, ficando a

---

<sup>100</sup> Entretanto já haviam sido disponibilizadas fotografias aéreas da área de objectivos, bem como o ponto de regulação, pelo Capitão *Amat*, comandante das baterias onde o material era proveniente - Idem

<sup>101</sup> Era montado pela aviação que iria fazer a observação do tiro - Idem

<sup>102</sup> Consultar ponto 13, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>103</sup> O consumo de munições para a missão era restrito - Idem

<sup>104</sup> Comandante do 1º Grupo

<sup>105</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“A ida à frente do 1º Grupo”)

<sup>106</sup> Idem

<sup>107</sup> Major *Chatenet*, Idem

Bateria em posição às 12 horas. Chegados ao local, verificou-se que os fios usados na montagem das linhas telefónicas estavam defeituosos, sendo necessário remendá-los na posição. Devido ao atraso do 1º tiro, que saiu às 13 horas e 15 minutos, “ao sinal do avião”<sup>108</sup> resultou no descontentamento do General, Comandante da RGA, com a Bateria, pelo atraso do plano previsto, ou seja, devia ter começado a fazer fogo às 12 horas e 30 minutos e não 45 minutos depois.<sup>109</sup>

O Capitão Amat ficou no vagão de comando, juntamente com o Capitão Gonçalves Pinto, Comandante da 1ª Bateria, despoletando sérias discussões entre ambos sobre a forma como devia ser feita a execução do tiro. As 5ª, 6ª e 7ª salvas foram observadas por via terrestre, uma vez que o avião tinha dado lugar a um outro que o havia de render<sup>110</sup>. “O último tiro, com granada S.T., foi dado às 19h.15, estando já a cair a noite; o avião retirara-se às 18h.40m, expedindo um último despacho: ‘*Bravo Portugais*’”<sup>111</sup>. Haviam sido gastas 60 munições e efetuadas 10 salvas.

Após o fim de missão o General Marchal dirigiu umas palavras ao contingente, nas quais frisava o atraso ao início do tiro, logo ripostada pelo Coronel da Câmara Pestana, justificando que o atraso em nada se deveu aos Portugueses, mas sim à falta de comunicação proveniente do Alto Comando Francês. As palavras proferidas pelo General Duchene<sup>112</sup> foram mais apaziguadoras, nas quais “felicitou o Comandante do Corpo pela bela atitude do pessoal e excelentes resultados do tiro, mostrando desejo de conhecer o Comandante da Bateria a quem igualmente felicitou”<sup>113</sup>.

## 3.2 O Corpo no 4º Exército Francês

### 3.2.1 A missão

---

<sup>108</sup> Idem

<sup>109</sup> Idem

<sup>110</sup> Era um processo moroso

<sup>111</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“A ida à frente do Iº Grupo)

<sup>112</sup> Comandante do 6º Exército, Idem

<sup>113</sup> Idem

A Bateria estacionou no campo militar de Bailleul-Sur-Thérain, a 19 de março de 1918, após ter concluído a missão que lhe havia sido incumbida<sup>114</sup>.

No dia 21, emergiu uma grande ofensiva dos Alemães, que tornou perigosa a posição ocupada pelo Corpo, no campo acima mencionado. De forma a evitar situações constrangedoras este partiu a 29 para Mailly, distribuído em 3 comboios. Por decisão do General Herr, então Comandante da RGA e Inspetor-geral da Artilharia, somente o 1º Grupo se fixaria em França, sob alçada do 4º Exército<sup>115</sup>, partindo o restante, para reforço do CAP, em Inglaterra<sup>116</sup>. Igualmente, estabeleceu-se, que as 2ª e 3ª Baterias do 1º Grupo ficariam equipadas com peças de 190mm (Martins, 1938, p. 104).

A 1ª Bateria, guarnecida com o material de 320mm, e que havia cumprido a missão transata do CAPI, ficou em Mailly, aguardando receção do material de duas Baterias de 240mm. As 2ª e 3ª ficaram subordinadas ao Major Blot em St. Rémy-Sur-Bussy. O Grupo apresentava, contudo, inúmeras deficiências em equipamento, “tinha ainda mascarar dum modelo já pôsto de parte, por incomodo e pouco eficaz e sómente em fins de maio recebeu as de novo modelo; não possuía metralhadoras, que a todas as baterias pesadas eram distribuidas para defesa contra os aviões inimigos e nunca chegou a tê-las; não possuía estação receptora de TSF, nem material de ‘*camouflage*’<sup>117</sup>, nem cartuchos para as espingardas que lhe tinham dado, nem granadas para inutilização do material, nem material para consolidação da via dos ramais (...)”<sup>118</sup>. Não obstante, foram denotadas outro tipo de lacunas, onde “(...) não se praticára em exercícios de ‘tiro mudo’<sup>119</sup> as diferentes modalidades da regulação, da taragem das munições, da regimagem das bôcas de fogo; não se estudara os segredos do mascaramento; (...)”<sup>120</sup>.

Por forma a retificar a situação demonstrada, o Comandante do CAPI dirigiu ordens para que o Grupo se deslocasse para as proximidades de St-Rémy-Sur-Bussy. O contingente chegou a 13 de abril, com o intuito de colmatar as falhas da instrução e tomar

---

<sup>114</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

<sup>115</sup> O Comandante era o General *Gouraud*.

<sup>116</sup> Ver *Cap.5 – O CAPI no contexto disciplinar*, onde é retratado com mais pormenor todas as acções desenvolvidas pelo Corpo em *Horsham*, Inglaterra.

<sup>117</sup> Material de camuflagem usado.

<sup>118</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

<sup>119</sup> Tiro em seco

<sup>120</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

nota das condições do material, operação concluída a 7 de maio. Foi ainda pedido neste mesmo dia, ao Comandante de Grupo, um ponto da situação, afirmando este as ótimas condições em que se encontravam as 2ª e 3ª Baterias não dando certezas, porém, das condições da 1ª, uma vez que esta se encontrava fora do seu alcance, em Mailly. Fazia parte dos seus intentos reunir todo o Grupo e levá-lo consigo para a frente de batalha<sup>121</sup>. Foi do conhecimento geral a saída do Major Blot, do Comando do Subagrupamento de St. Rémy, e a tomada de posse do Major Michaud<sup>122</sup>.

Às Baterias prontas<sup>123</sup>, foi incumbida uma missão, que constava na ocupação das posições 162<sup>124</sup> e 168<sup>125</sup>, nas proximidades de Suippes e Laval<sup>126</sup>, respetivamente. A primeira ação destas unidades foi efetivar o reconhecimento do terreno, em 9 e 10 do mesmo mês. Um dos problemas levantados foi a colocação do Posto de Comando do Grupo, concluindo-se que a melhor posição seria a 142-bis<sup>127</sup>, no entanto, a distância era tão grande que a única maneira do tiro ser controlado era através de uma Central de Artilharia<sup>128</sup>.

No dia 16 de maio, o Comandante do Grupo foi informado, via telefone, que a saída para as posições seria feita em 2 trens. O primeiro “formado pelos trens de combate das duas baterias com locomotivas, outro pelo acantonamento (...)”<sup>129</sup>. Partiram, às 19 horas e às 20 horas, respetivamente, estando as bocas-de-fogo em posição às 2 horas de 17<sup>130</sup>. Durante o amanhecer “tratou-se de montar as linhas telefónicas do vagon de comando do Grupo para a Central do campo, (...)”<sup>131</sup>.

---

<sup>121</sup> Não se veio a verificar pois o 1º Grupo foi para *Sommeseus*.

<sup>122</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

<sup>123</sup> 2ª e 3ª Baterias.

<sup>124</sup> “ficava a 4km, a nordeste de *Suippes* e a 7,5 das trincheiras mais avançadas dos alemães; (...)” – c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

<sup>125</sup> ficava a “cêrca de 2km . a oeste-noroeste de *Laval*, estava apenas a pouco mais de 6Km. das primeiras posições inimigas (...)” - Idem

<sup>126</sup> Consultar Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>127</sup> De forma a conseguir-se chegar o mais rapidamente a cada uma das Baterias. Consultar Anexo B - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI (2)*

<sup>128</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

<sup>129</sup> Idem

<sup>130</sup> No documento consultado faz referência a 18 mas há equívoco

<sup>131</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”).

Os objetivos, disponibilizados às 2ª e 3ª Baterias, através de fotografia aérea, eram a trincheira de comunicação de Altona<sup>132</sup> e os observatórios de Ripont<sup>133</sup>, por esta ordem, operando cada uma delas com 128 munições<sup>134</sup>.

O dia de 17 de maio foi preenchido com ações de contrabateria de ambos os lados, havendo inclusive registos de granadas a cair em frente da posição 168<sup>135</sup>. As Baterias Portuguesas começaram a sua missão no dia seguinte, pelas 13 e 13 horas e 30 minutos, pela 3ª e 2ª, respetivamente<sup>136</sup>.

“Às 15 horas 55 minutos. a 3ª Bateria cessava fogo, tendo consumido 124 tiros (os restantes 4 projecteis não foram disparados por se terem recebido a menos 4 cartuchos). Às 16 h.30m. a 2ª Bateria cessou fogo por ordem do Comandante do Grupo, por ter a S.R.OT.<sup>137</sup> interrompido a observação e declarado que não podia continuar. Tinha disparado 58 tiros”<sup>138</sup>. Logo após o fim da missão deu-se o regresso das Baterias a St. Rémy, à posição 266<sup>139</sup>.

O relatório do tiro<sup>140</sup> mostrou grande eficácia da 3ª Bateria, no entanto a 2ª não teve a mesma sorte, como se pode verificar na transcrição:

“O tiro da 3ª Bateria foi magnífico; á terceira salva, o acôrdo das peças estava estabelecido e o ponto médio bem colocado, como mostraram as duas salvas de prova. A velocidade de tiro foi boa: em média, aproximadamente I tiro por minuto e meio, chegando, nas rajadas de eficácia, a cêrca de 2,5 tiros por minuto. A 2ª bateria foi menos feliz; teve contra si o descarrilamento da Iª peça logo ao primeiro tiro, os ‘não visto’ dos pontos de queda da 3ª peça, na primeira e segunda salva, a falha da 4ª peça na quinta salva, e a morosidade e irregularidade da observação; quando, vencendo todas essas dificuldades, ia entrar no tiro de eficácia, viu-se forçada a parar. Mas não cometeu êrros e o seu pessoal

---

<sup>132</sup> Distância topográfica à Bateria era de 9818 metros - Idem

<sup>133</sup> Distância topográfica à Bateria era de 9815 metros - Idem

<sup>134</sup> Cada vagão de munições levava 64 munições. c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O Iº Grupo no Exército Gouraud”)

<sup>135</sup> Consultar Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>136</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O Iº Grupo no Exército Gouraud”)

<sup>137</sup> Equipas de observação

<sup>138</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O Iº Grupo no Exército Gouraud”)

<sup>139</sup> Consultar Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>140</sup> ‘Rapport de tir’ e as folhas de cálculo das 2 Baterias

trabalhou com a mesma energia e boa vontade que o da outra, e que, em geral todo o do Grupo”<sup>141</sup>.

### 3.2.2 Os trabalhos na posição 262

Regressados à posição a 19 de maio, surgiu a 24 uma ordem de marcha, onde estava implícito o deslocamento das 2ª e 3ª Baterias para a posição 262<sup>142</sup>, a fim de efetuarem trabalhos de acabamento da posição e ao mesmo tempo continuarem a ter instrução. Para que esta ação decorresse continuamente, estabeleceu-se a libertação, para os trabalhos de 100 militares por dia, iniciando com um horário laboral das 6 horas às 11 horas da manhã e das 13 horas às 18 horas.

Assim, as Baterias partiram, chegando à posição “depois da meia-noite”<sup>143</sup> e a informação que circulava era que os trabalhos consistiam em reparações férreas, substituição dos canais e dos ramais de acesso, por um período previsto de 20 dias.

Nos dias seguintes, o alvoroço foi grande na posição, devido à ofensiva Alemã, a 27 de maio, que obrigou à retirada das 2 Baterias para o Campo de Mailly, agregando-se à 1ª (Martins, 1938, p.105 e 106).

### 3.2.3 “Em Sommesous”

O decorrer da guerra trazia novas perspectivas, impulsionando o Governo Inglês a pedir o ingresso do 1º Grupo<sup>144</sup> para junto do CAP bem como, dos restantes elementos do Corpo<sup>145</sup>. No dia 28 de junho de 1918, foi feita toda a entrega do material das Baterias, por ordem dos altos comandos militares aliados, que haviam atribuído à ALVF um papel secundário, levando o CAPI a dissolver-se ou então a reduzir ainda mais o seu contributo

---

<sup>141</sup> c.f. PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano Cordeiro (“O 1º Grupo no Exército Gouraud”)

<sup>142</sup> “(...) estava situada aproximadamente a 20 km. para sudeste de Reims, perto do canal do Aisne (...)” - Idem

<sup>143</sup> Idem

<sup>144</sup> O que restava do Corpo

<sup>145</sup> Análise da Ordem de Corpo n.º 76, de 27 de Junho de 1918.

no conflito.<sup>146</sup> Esta decisão foi, no entanto, constantemente adiada sendo orientado o Grupo à participação na rotina diária do campo, sem se salientar numa função de grande relevância. “O Grupo dava então: guardas (...) para o depósito de munições da Escola de Tiro; (...) polícia aos ramais durante os exercícios que aí se realizavam diariamente; piquete de incêndio ao Campo e contingentes para a carga e descarga de material de guerra na estação (...)”<sup>147</sup>. Apesar de todo o impasse da situação, o terreno onde se encontravam era constantemente bombardeado pela aviação e Artilharia inimigas. Começaram a surgir novidades quando o encarregado do material<sup>148</sup> de guerra das tropas aliadas recebera ordens para fornecer às Baterias do 1º Grupo material 190mm e 240mm.<sup>149</sup>

Um objetivo das tropas aliadas, para o mês de setembro, era tomar a linha *Hindenburg*. O 1º Exército Americano, coadjuvado por forças Francesas, lançou-se à conquista de St.Mihiel, em 12 de setembro, ocupando-o em 3 dias, obrigando os Alemães a recuarem até à linha Michel. Esta ação perspectivou-se fundamental para o ânimo e moral das tropas Portuguesas, que ao que tudo indicava iriam brevemente contribuir para o conflito.

### 3.2.4 Os trabalhos de construção

Todavia, o destino traçado ao Grupo fora outro. Aquando do deslocamento do Coronel Câmara Pestana a Paris, em 20 de setembro, recebeu informação das intenções de colocar o CAPI na execução de trabalhos de reconstrução, nomeadamente, de vias férreas e estradas. A decisão não era, naturalmente, conveniente e do agrado das tropas Portuguesas, no entanto, a ordem para a sua consecução estava determinada. A 7 de outubro, o Grupo partiu da estação de Sommesous<sup>150</sup>, ficando a 1ª e 2ª Baterias no PC Rose<sup>151</sup> e a 3ª no bosque de *La Chapelle*<sup>152 153</sup>.

---

<sup>146</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia pelo Major Luciano José Cordeiro (“Em Sommesous”)

<sup>147</sup> Idem

<sup>148</sup> Tenente-Coronel

<sup>149</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia pelo Major Luciano José Cordeiro (“Em Sommesous”)

<sup>150</sup> Consultar ponto 14, Anexo A - *mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI*

<sup>151</sup> 2km acima de St.Hilaire.

<sup>152</sup> A sul de Aubérive, na margem esquerda do rio Suipe

<sup>153</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia pelo Major Luciano José Cordeiro (“Em Sommesous”)

Durante a restante guerra o grupo procedeu a este tipo de trabalho, um pouco por toda a região, culminando-o com a sua extinção<sup>154</sup>.

---

<sup>154</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia pelo Major Luciano José Cordeiro (“De Suippes a Autry”)

## Capítulo 4

### O CAPI no contexto disciplinar

#### 4.1 A indisciplina

No dia 9 de abril de 1918, era decretada em Ordem de Serviço a mobilização de parte do Corpo para a incorporação no CEP, em Havre, sendo constituído pelas 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> Baterias e Bateria de Depósito. Todo o Destacamento levava para a viagem o equipamento individual, designadamente, fardamento e mantas, que haviam sido distribuídas, e a ração para 5 dias<sup>155</sup>.

O contingente partiu no dia 10<sup>156</sup>, pelas 23 horas e 45 minutos, sob o comando do Tenente-Coronel Daniel Rodrigues de Sousa<sup>157</sup>, permanecendo em Inglaterra cerca de 8 meses, sendo a sua dissolução efetuada no dia 30 de novembro (Martins, 1938, p.111).

Durante este curto período de tempo verificaram-se graves insubordinações e falta de disciplina, por parte deste contingente Português, sobretudo no seu início.

O presente estudo foi baseado nos documentos telegrafados dos dias 23<sup>158</sup>, 24<sup>159</sup>, 25<sup>160</sup> e 27<sup>161</sup> de abril de 1918, e redigidos pelo Major Casqueiro<sup>162</sup>.

No dia 23, deu-se a conhecer ao Chefe de Estado-Maior, pela mesma via, a insubordinação dos Portugueses, por se recusarem a assistir à instrução do material Inglês

---

<sup>155</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1445/1 – CAPI (COMANDO) – Ordens de Serviço – “Ordem de Serviço n.º 95 do dia 9 de Abril de 1918”

<sup>156</sup> Segundo o Major Luciano José Cordeiro, a Ordem de Serviço afirmava a saída do Destacamento no dia 9 de Abril de 1918. Após leitura da mesma a constatação é falsa.

<sup>157</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia do CAPI – “A grande ofensiva alemã”

<sup>158</sup> Consultar Anexo C – *Telegrama de dia 23 de Abril de 1918*

<sup>159</sup> Consultar Anexos B,C e D – *Telegrama de dia 24 de Abril de 1918 e 2º Telegrama de dia 24 de Abril de 1918*

<sup>160</sup> Consultar Anexo E – *Telegrama de dia 25 de Abril de 1918*

<sup>161</sup> Consultar Anexos F – *Telegrama de dia 27 de Abril de 1918*

<sup>162</sup> Adido militar em Inglaterra. cf. PT/AHM/1/35/1416/7

imposto para a sua formação, no dia transacto<sup>163</sup>. O Comandante da Escola da Artilharia<sup>164</sup>, em Horsham, reportou superiormente a situação, impondo, caso a ordem não fosse acatada pelas praças, proceder-se-ia à separação das Baterias do Destacamento pelos diversos quartéis em Inglaterra<sup>165</sup>. Outra das propostas foi a formação das praças, em parada, e se prendessem as principais suspeitas até todas as responsabilidades estarem apuradas. No entanto, a rebelião no seio destas foi tão grande, que se constatou a impossibilidade de encontrar os verdadeiros responsáveis, ficando decidido que a melhor solução seria fazer um inquérito aos militares<sup>166</sup>. É feita também referência à falta de Oficiais dos quadros no contingente, uma vez que a maioria eram Oficiais milicianos<sup>167</sup>.

No telegrama de dia 24, é referida a ideia de fazer a incorporação das diferentes Baterias pelos diversos quartéis Ingleses, sendo esta medida desencorajada pois “pode trazer graves inconvenientes porque estes elementos de desordem e indisciplina a ninguém convem”<sup>168</sup>.

Para que fosse imposta a disciplina no Destacamento de Artilharia Pesada, foi proposto pelo Major Casqueiro, a criação de uma força Inglesa, em número adequado, para impor a boa conduta do Destacamento, só devendo a mesma ser extinta após a prisão de todos os responsáveis pelo motim que invadia as tropas Portuguesas<sup>169</sup>. O caso era tão crítico, que existe uma alínea no referido telegrama que previa: “a intervir sob a força das armas a pedido do comando portuguez todas as vezes que este julgue necessaria a sua intervenção”<sup>170</sup>.

Entretanto, caso a prisão dos supostos responsáveis não fosse resolutive, no respeitante às ordens emanadas superiormente, e ainda existissem atitudes de indisciplina, a separação das forças seria a melhor solução. Assim, divididas, receberiam em cada uma das suas unidades, todas as instruções de Artilharia, que necessitavam bem como todos os

---

<sup>163</sup> PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 27 de Abril de 1918”

<sup>164</sup> Coronel Child - Idem

<sup>165</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 23 de Abril de 1918”

<sup>166</sup> Medida ineficaz, uma vez mais.

<sup>167</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 23 de Abril de 1918”

<sup>168</sup> PT/AHM/1/35/1416/7 – Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 24 de Abril de 1918”

<sup>169</sup> Idem

<sup>170</sup> Idem

corretivos de âmbito disciplinar. Estava tudo a ser encarado com tamanha seriedade, por forma a suprimir este tipo de comportamentos, que se chegou ao ponto de distribuir aos Oficiais “ (...) revolvers regulamentares com as respectivas cargas para sua propria segurança e para manutenção da ordem nos casos em que nao seja necessario intervir forças extranhas ”<sup>171</sup>.

A dia 25 mencionou-se o insucesso das medidas inibidoras de indisciplina, no Destacamento, incluindo ainda a abstinência dos Oficiais para com as praças, de forma a não levarem mais longe a respetiva insubordinação. A força armada era contudo uma ação a evitar, pois apesar de toda a insubordinação patente, a prudência seria a melhor solução. Outra das razões apontadas pela falta de coesão no seio do Destacamento era a presença de alguns oficiais pois “sou da opiniao que alguns dos que aqui estao, tem de ser mandados apresentar n’esse Q.G. ”<sup>172</sup>.

Neste mesmo dia houve uma formatura geral<sup>173</sup>, marcada pela atitude irrefletida do Tenente-Coronel Rodrigues de Sousa que “ (...) dirigiu-se ao General Robb em portuguez apresentando-lhe os seus cumprimentos e apontando para as praças disse-lhe que era a corporação dos maiores cobardes que tinha visto. Em altos brados e n’esta attitude hostile para com as praças instigou-os a que avançassem para elle se iram capazes agarrando eu este official e pedindo-lhe para que fosse embora porque a sua excitação dava-me a perceber que estava fora de si ”<sup>174</sup>. O General Robb anunciou, em formatura, que faria uso à força caso o nível disciplinar no Destacamento não sofresse positivas alterações, atitude que não era do seu agrado devido à longa aliança que Portugueses e Britânicos partilhavam<sup>175</sup>. O Major Casqueiro foi ter com cada um dos Comandantes de Bateria para estes indicarem as praças, que segundo o seu comportamento, haviam de abandonar Horsham. Houve a designação de sargentos para acompanharem os infratores, no processo de expulsão do Destacamento. O furto marcou, também, indelevelmente a ação Portuguesa no seio do Corpo verificada numa revista, nesse mesmo dia, onde se encontraram “ (...)

---

<sup>171</sup> Idem

<sup>172</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 – Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 25 de Abril de 1918”

<sup>173</sup> Presidida por dois Oficiais Generais (Robb e Chance) e presença do Comandante do Destacamento

<sup>174</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 27 de Abril de 1918”

<sup>175</sup> O primeiro tratado entre os países citados remonta ao ano de 1373, aquando do auxílio Britânico aos Portugueses na batalha de Aljubarrota frente aos Espanhóis.

muitas facas de todos os tamanhos, munições de arma de infantaria que as praças tinham trazido de França, mascaras de gazes, etc. ”<sup>176</sup>.

Foi descrito ainda a intenção superior de não criar o referido Corpo Inglês, mas antes proceder ao envio de tropas Portuguesas para Inglaterra ou Portugal; intenção refutada pelo Major Casqueira. Segundo este, caso se enviassem estas forças para França a ação revelar-se-ia um fracasso, uma vez que o seu nível de indisciplina traria problemas nas forças que incorporassem. No entanto as opções apresentadas mostravam-se infrutíferas, pois mesmo que a opção fosse mandar o contingente para Portugal isso seria um incentivo à insubordinação<sup>177</sup>.

Apesar da gravidade da situação, às 9 horas de dia 26 de abril “estavam as forças em formatura começando a essa hora a instrução de *gymnastica sueca*<sup>178</sup> e as 10 horas a instrução de peças que decorreu sem novidade ”.<sup>179</sup>

## 4.2 Os processos em Tribunal

Esta ação impulsionadora de insubordinação no seio militar trouxe consequências aos indivíduos que nela participaram, uma vez apuradas responsabilidades.

Os militares geradores da revolta, que levou à não participação dos mesmos na instrução do material Inglês, sofreram as respetivas represálias em TG<sup>180</sup>, sendo contabilizados 52 militares<sup>181</sup> envolvidos no ato de insubordinação e todos oriundos da classe de praças. A participação dos arguidos em TG ficou efetivada no dia 6 de julho de 1918 e as sentenças confirmadas no dia 23, em Ordem de Serviço<sup>182</sup>.

---

<sup>176</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 27 de Abril de 1918”

<sup>177</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 – Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 25 de Abril de 1918”

<sup>178</sup> Conjunto de movimentos usado nas Forças Armadas que promoviam a boa postura através de exercícios desenvolvidos para o aumento da flexibilidade, tonificação muscular e redução de dores.

<sup>179</sup> c.f. PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento de Horsham, do CAPI – “Telegrama do dia 27 de Abril de 1918”

<sup>180</sup> Consultar Anexo G – *Militares condenados do Destacamento de Horsham*

<sup>181</sup> No registo do TGC aparecem os militares ordenados do n.º 1 ao 53, no entanto existe uma falha na contagem no n.º 27 para o 29.

<sup>182</sup> c.f. PT/AHM/1/35/938 – T.G.C. – Livro m/3

As penas foram desde os 6 anos e um dia de presídio militar com as penas acessórias de 6 anos e um dia de deportação militar<sup>183</sup> aos 8 anos de presídio militar com as penas acessórias de 8 anos de deportação militar<sup>184</sup>. O caso presentemente tratado foi o que revelou maior gravidade no seio do Corpo, existindo no entanto situações particulares em que a insubordinação<sup>185</sup>, a infração disciplinar<sup>186</sup> e a deserção<sup>187</sup> também estiveram presentes.

Em França a disciplina mostrou-se mais acentuada nos militares e os casos presentes em tribunal foram diminutos<sup>188</sup>, dentro dos quais o mais gravoso foi a deserção<sup>189</sup>.

### 4.3 A censura

Durante o tempo que o CAPI esteve empregue em campanha, os militares tinham acesso a um serviço de correspondência, que passava obrigatoriamente, pela censura geral de correspondência<sup>190</sup>. Esta teve no seu reportório inúmeros casos de indivíduos que violaram o Regulamento de Censura<sup>191</sup>.

Um caso bastante crítico e digno de exemplo foi o passado no dia 16 de abril de 1918, no qual tinham chegado 334 cartas redigidas pelos militares do CAPI, reveladoras de insinuações de transgressão dos deveres de sigilo e do respeito militar, de tal forma gravosas, que a censura viu-se obrigada a confiscar todas a correspondência que ia para expedição, sendo toda ela era oriunda de praças<sup>192</sup>, contendo declarações insultuosas para

<sup>183</sup> Aos restantes 51 militares – Idem

<sup>184</sup> Aos arguidos José Maria Canário (1º cabo) e João da Cruz Alves (soldado) – c.f. PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 14 – Movimento dos processos do Tribunal

<sup>185</sup> Consultar Anexo I – “*Militar referenciado por insubordinação*”

<sup>186</sup> Consultar Anexo J – “*Militar referenciado por infração disciplinar*”

<sup>187</sup> Consultar Anexo K – “*Militar referenciado por deserção*”

<sup>188</sup> Uma insubordinação presente em tribunal a 20 de Agosto de 1918 e uma evasão no dia 8 de Julho de 1919 – anexos PT/AHM/1/35/1507 – Livro 14 – Movimento dos processos do tribunal e PT/AHM/1/35/936/7 – Tribunais de Guerra – Relação das praças presas vindas de França que desembarcaram no dia 8 de Julho de 1919 e se evadiram.

<sup>189</sup> Consultar Anexo H – *Caso de deserção de uma praça oriunda do CAPI, em França*

<sup>190</sup> A correspondência que iria para expedição apenas podia ser consumada após ter sido censurada por uma unidade especial, criada para o efeito. O número de correspondência era tão elevada que não se tornava possível fazer a análise de todas as cartas logo a correspondência analisada vinha de uma lista proveniente da comissão de censura (Serrão, 1925, p.15)

<sup>191</sup> c.f. PT/AHM/1/35/639 - CAPI (COMANDO) – Serviços: Saúde, Justiça, Participações, Postal e Censura

<sup>192</sup> Idem

com a classe de Oficiais “ (...) a quem atribuem a culpa de não regressarem a Portugal por quererem mais galões e por se acharem ganhando bem, (...), não são cá precisos”<sup>193</sup>. Manuel Veríssimo Nunes chegava mesmo mais longe insinuando que “ (...) qualquer dia apanho alguns que ficam marcados para toda a vida”<sup>194</sup>.

Estas atitudes muitas são muitas vezes atribuídas ao mal estar das tropas durante ações que delinearam a Grande Guerra, onde o tempo excessivo em campanha e nas “frentes” de combate afetavam psicologicamente o bem estar. Durante o conflito foram inúmeros os casos, reportados, de oficiais que vinham a Portugal de descanso e não mais voltaram, o que encadeou toda uma panóplia de revoltas preconizadas, substancialmente, pela classe das praças. No entanto, o motivo primordial deste tipo de atitudes irrefletidas prende-se ao facto das unidades adjacentes procederem à substituição das tropas enquanto o CAPI, atuando como organismo independente do Exército Português não tinha rotatividade.

---

<sup>193</sup> Idem

<sup>194</sup> Idem

## Considerações Finais

Com o deflagrar da Grande Guerra foi necessário, por parte dos países em conflito, aprontar militares de forma a prestarem o seu contributo. Portugal, como país interveniente auxiliou o Exército Francês, seguindo a convenção militar de maio de 1917, com militares de Artilharia, contribuindo com um efetivo constituído a 3 Grupos de Artilharia e uma Bateria de depósito, surgindo assim o CAPI.

A questão que se colocou e se tornou o objetivo principal deste trabalho, dando origem a algumas questões derivadas é:

**QC: Teve o CAPI um papel essencial no desenrolar do conflito?**

**QD1: Como e em que moldes foi feita a preparação do CAPI?**

**QD2: Como foi equipado o CAPI?**

**QD3: Conseguiu o CAPI cumprir as missões que lhe confiaram, com sucesso?**

**QD4: Houve a ocorrência de problemas de âmbito disciplinar com o CAPI durante o seu empenho?**

Com vista a fazer frente à superioridade Alemã, os Franceses decidiram criar em 1915 uma unidade de Artilharia Pesada, que tinha em orgânica, peças de Artilharia Pesada utilizadas pelo CAPI, durante a sua curta existência.

Para dar resposta à primeira questão apoiamo-nos nas ações inerentes à criação e preparação deste Corpo, além da forma como estes eram inseridos em campanha. O Governo Português objetivando tirar o máximo aproveitamento do empenhamento do CAPI, decidiu em primeira instância nomear um grupo de oficiais e sargentos, incumbidos de receber uma formação, com início a 5 de junho de 1917, para *à posteriori* conseguirem enquadrar convenientemente o restante contingente que haveria de chegar. Esta foi alicerçada numa componente material, nomeadamente na peça de 320mm e o seu respetivo emprego no ambiente operacional. O local escolhido pelo General, comandante da RGAL, foi Bailleul-Sur-Thérain, porque além de reunir todas as condições para albergar um grande número de militares possuía ainda as peças citadas de um Grupo da região. Outra

questão que necessitava ser rapidamente solucionada era a tradução do Francês dos manuais da peça, de forma a facilitar o estudo e aprendizagem das praças. A instrução iniciou-se com a formação de oficiais e sargentos, que incluía todo um conhecimento pormenorizado do material, formação detalhada no âmbito das transmissões e da sinalização baseada em código Morse. Após concluída esta componente individual passou-se à coletiva, onde o princípio estava assente no completo conhecimento das funções de cada servente, para conseguirem responder às exigências que se iriam fazer sentir em ambiente hostil. No dia 17 de outubro deu entrada na região de Rochy-Condé e Beauvais um efetivo composto por 778 militares, aptos a receber a instrução de manuseamento do material, que ocorreu em 10 de novembro de 1917. Com esta síntese estamos em condições de assegurar uma resposta à primeira questão e podemos dar como válida a H1<sup>195</sup>.

A segunda questão irá ser respondida com base no apoio ao *Cap. 2 – A Artilharia Pesada sob via-férrea*.

Todo o equipamento necessário a operabilidade do CAPI foi cedido pelo Exército Francês com o intuito de os ajudar a marcar a sua posição no conflito.

O material que equipou as Baterias do CAPI foram as peças de 190mm, 240mm e 320mm. As últimas existentes em 3 versões distintas, nos modelos o 1870-81, 1870-84 e 1870-93, sendo a principal diferença entre elas a gama de alcances. É essencial, por forma a compreender a evolução da Artilharia Pesada ao longo dos tempos, fazer um estudo comparativo entre o modelo da época e o atual. Ir-se-á tomar como exemplo o obus que equipa, a Brigada de Intervenção Portuguesa e fazer um juízo de valores em alguns pontos. O primeiro será o peso da granada, na qual a primeira tinha um peso que rondava os 387kg e no Obus M114/53 o seu peso é de 43Kg. A peça de 320mm tinha no entanto um alcance maior já que podia chegar aos 20600m enquanto no modelo de comparação rondava os 14600m. A guarnição para uma peça de 320mm tinha um efetivo de 39 militares, já o Obus 155mm M114/53 usa uma guarnição de 9 mais 1 condutor.

Estamos neste ponto em condições de garantir resposta à QD2 e dar como válida a H2.

Para respondermos à terceira questão temos de analisar o *Cap.3 – O CAPI no contexto operacional*, onde retiramos as bases para a construção das elações apresentadas. Somente o 1º Grupo do CAPI esteve envolvido em termos operacionais junto dos 4º e 6º

---

<sup>195</sup> Ver Introdução – Subcapítulo *Definição dos objetivos*

Exército Francês, uma vez que em Inglaterra os restantes 2 Grupos não executaram ações de campanha. O período compreendido entre a instrução da equipa inicial de formadores, que enquadrou todo o contingente do Grupo para a guerra e a sua primeira missão ao serviço do 6º Exército Francês, inserido na RGA, perdurou 9 meses.

A primeira missão coube à 1ª Bateria do 1º Grupo, no dia 12 de março de 1918 e visava a destruição de algumas Baterias Alemãs localizadas a 18km de distância, numa região a sul de Aizelles. A missão apesar de cumprida sofreu um atraso de 45 minutos que podia ter comprometido a consecução da mesma. Passados 2 meses uma segunda missão, ao serviço do 4º Exército, foi levada a cabo pelas 2ª e 3ª Baterias, nas quais apenas a 3ª esteve em condições de assegurar o cumprimento da missão.

Os problemas com que se deparou o Grupo, desde as comunicações, atrasos no tiro, deficiências em material, equipamento e transmissões às lacunas na instrução, não obstante o impedimento da execução de ambas as missões, não nos permite validar completamente a H3. Em síntese podemos concluir que a H3 é parcialmente validada.

A resposta à última questão derivada está inserida no *Capítulo 4 – O CAPI no contexto disciplinar*, onde foram analisados todos os registos de indisciplina que ocorreu neste Corpo, com especial incidência sobre o Destacamento de Horsham, em Inglaterra. Os membros do Corpo, que se recusaram a assistir à formação com o material Inglês, encadearam um inúmero conjunto de situações, que levaram à apuração de responsabilidades e à respetiva punição disciplinar em TG.

A rebelião existente levou o corpo de oficiais à tentativa de procurar soluções para o problema deparado. A sua resolução assentava em 3 principais ideias. A primeira opção seria proceder à separação das Baterias pelos diferentes quartéis Ingleses. A segunda seria a realização de um inquérito aos militares do destacamento, com intenção de encontrar os responsáveis. Por último, a terceira, tinha como resultado a deportação do Corpo de Inglaterra. As três hipóteses foram refutadas, salientando a última, que caso avançasse seria um incentivo à insubordinação. Os militares foram no entanto julgados em TG, no dia 23 de julho de 1918, sendo ao todo contabilizados 52 militares, todos oriundos da classe das praças. As penas variaram dos 6 anos e 1 dia de prisão militar com uma pena acessória de 6 anos e 1 dia de deportação militar até aos 8 anos de prisão militar e acessória de 8 anos de deportação militar. Existiram no entanto outras infrações, mais leves, mas que não podem deixar de ser referidas, como é o caso da insubordinação e a deserção. Em França

os casos disciplinares foram escassos, havendo apenas um registo de uma situação de deserção. Em suma e através da análise dos dados supracitados validamos a H4.

As elações retiradas das questões derivadas permite-nos assegurarem as condições necessárias à resposta da questão central. O objetivo desta dissertação será compreender até que ponto o CAPI teve um papel importante para o desenrolar do conflito. Fizemos uma análise global da situação estando em condições de poder concluir, em primeira instância, a importância do facto de o CAPI ter conseguido cumprir as duas principais missões que lhe haviam incumbido, mesmo sendo considerados todos os problemas presentes, desde as comunicações às lacunas na instrução. Apesar da sua curta existência, cerca de 17 meses, o CAPI não atuou em nenhum cenário digno de seu nome, participando apenas em conflitos de menor relevo e que pouco contribuíram para o desenrolar das ações, ditadoras do rumo da Guerra. A disputa entre Governos Britânico e Francês levou ao desmembramento do Corpo, separando-o por Inglaterra e França. Os militares sentiam cada vez menos apoios e a indisciplina começou aquando do desembarque em Horsham, Inglaterra. Assim sendo e fazendo a análise dos factos podemos concluir que o CAPI não obteve um importante papel para o desenrolar do conflito, sendo um Corpo onde a insurreição foi ponto assente.

O presente trabalho pautou o seu caminho pela crescente dificuldade na aquisição da informação, o que devido ao pouco conhecimento existente sobre o assunto foi a principal limitação encontrada. A informação existente fazia recurso a uma linguagem arcaica revelando-se muitas vezes de difícil compreensão.

Esta dissertação, apesar de fazer uma abordagem geral sobre o CAPI e principais ações ao longo da sua existência, não esgotou os motivos de interesse que a existência do corpo proporciona, pelo contrário, consideramos que o nosso trabalho poderá servir de catalisador a novas investigações. Um tema que nos surgiu como de maior interesse, mas que saía fora do âmbito deste trabalho, é a abordagem às origens sociais que estão por detrás da postura disciplinada de alguns militares do CAPI.

## Referências Bibliográficas

### 1. Fontes Primárias:

PT/AHM/1ª/35ª/1345/3 - Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro

PT/AHM/1ª/35ª/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento em Horsham, do CAPI

PT/AHM/1ª/35ª/639 – CAPI (COMANDO) – Ordens de Operações

PT/AHM/1ª/35ª/639 – CAPI (COMANDO) – Organização: Instruções, Relatórios, Louvores, Comandos, Instruções sobre tiro e indicações sobre o serviço de 1ª linha

PT/AHM/1ª/35ª/639 – CAPI (COMANDO) – Pessoal: Relações, Licenças e Guias de Marcha

PT/AHM/1ª/35ª/639 – CAPI (COMANDO) – Serviços: Saúde, Justiça, Participações, Postal e Censura

PT/AHM/1ª/35ª/639 – CAPI (COMANDO) – Registos de Correspondência: Expedida, Recebida e Confidencial

PT/AHM/1/35/1445/1 – CAPI (COMANDO) – Ordens de Serviço : de Julho a Dezembro de 1917 e de Janeiro a Maio de 1918

PT/AHM/1ª/35ª/640 – CAPI (Destacamento em Inglaterra, Horsham) – Correspondência Confidencial

PT/AHM/1ª/35ª/640 – CAPI (Destacamento em Inglaterra, Horsham) – Serviços: Administrativos, Postal, Censura, Saúde e Justiça

PT/AHM/1ª/35ª/640 – CAPI (Destacamento em Inglaterra, Horsham) –Material: Fardamento e Livros de Carga (2)

PT/AHM/1/35/938 – T.G.C. – Livro m/3

PT/AHM/1/35/938 – T.G.C. – Índice do livro dos autos  
 PT/AHM/1/35/936/4 – Tribunais de Guerra do C.E.P. – Notas de culpa  
 PT/AHM/1/35/1271/7 – Grande Guerra (1914/18) – C.E.P. – Organização dos Tribunais – Nomeação de pessoal e seu funcionamento  
 PT/AHM/1/35/936/7 – 1919-20 – Tribunais de Guerra – Processos: que transitaram, existentes nos tribunais, de presos evadidos, arquivados no comando do Campo Militar Ambleteuse, dos réus e suas situações, presos enviados para o forte da Graça  
 PT/AHM/1/35/1416/12 – 1917-1918 – Tribunal Guerra do C.E.P. – Código de Justiça Militar (aplicação em França) – Declaração do Tribunal de Guerra do CEP para SAMMER  
 PT/AHM/1/35/1507 – Índice de autos arquivados do Q.G.C. – Q.G.1 – Q.G.2 – Q.G.B  
 PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 10 – Registo de autos e seu andamento  
 PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 13 – Entrada dos autos de corpo de delito  
 PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 14 – Movimento dos processos do Tribunal  
 PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 11 – Registo de informações a que se refere o Artº 206 do C.P

## 2. Livros

Afonso, A., & Gomes, C. d. (2003). *Portugal - Grande Guerra*. Lisboa: Diário de Notícias.

Almeida, A. A. (1968). *A Artilharia Portuguesa na Grande Guerra*. Lisboa.

Almeida, J. F., & Pinto, J. M. (1976). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Arrifes, M. F. (2004). *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa - Angola e Moçambique (1914-1918)*. Lisboa: Edições Cosmos.

Bell, J. (1997). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Camacho, B. (1935). *Portugal na Guerra*. Lisboa: Guimaráes & C.<sup>a</sup>.

Chagas, J. (1915). *Portugal perante a Guerra - Subsídios para uma página da História Nacional*. Porto: Typographia a vapor da empreza Guedes.

Clarke, D. (2004). *British Artillery 1914-19 Field Army Artillery*. Leeds: Osprey Publishing.

Duroselle, J.-B. (s.d.). *História da Europa* (Vol. II). Publicações Dom Quixote.

Eco, U. (1984). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

Fernandes, J. P. (1917). *A missão do CAPI - Seus trabalhos de Maio a Dezembro de 1917*. Revista de Artilharia, 77-78.

Ferro, M. (1990). *A Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Edições 70.

Fortin, M.-F., Côte, J., & Filion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.

*Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira* (Vols. VIII,XV,XIX). (1945). Lisboa - Rio de Janeiro: Editorial Enciclopedia, Limitada.

Henriques, M. C., & Leitão, A. R. (2001). *Batalhas de Portugal - La Lys 1918 - Os Soldados Desconhecidos*. Lisboa: Prefácio.

Hogg, I. (2004). *Allied Artillery of World War One*. Berkshire: D&N Publishing.

Laneyrie-Dagen, N. (2000). *O começo da Primeira Guerra Mundial. In Memória do Mundo - das origens ao ano 2000* (pp. 500-501). Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Marques, I. P. (2002). *Os Portugueses nas trincheiras - um quotidiano de guerra*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar.

Marques, I. P. (2004). *Memórias do General.'Os meus três comandos' de Fernando Tamagnini* (1ª ed.). Viseu: SACRE.

Marques, O. (1981). *Guia de História da 1ª República Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

Martins, F. (1938). *Portugal na Grande Guerra* (Vol. II). Lisboa: Editorial Ática.

- Mascarenhas, D. (1982). *Portugalidade - Biografia duma Nação*. Lisboa: Edições FP.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Reis, A. (1990). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado*. Lisboa: Pactor.
- Santos, E. (1949). *Estudos de História Militar sobre a primeira Guerra Mundial (1914-1918)*. Lisboa.
- Santos, L. d. (2010). *História concisa de como se faz a Guerra*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Sarmento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Serrão, H. (1942). *O Serviço Postal do Corpo Expedicionário Português*. Lisboa.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Teixeira, N. S. (1990). *Da belle époque à era do jazz-band*. In A. Reis, Portugal Contemporâneo (pp. 313-328). Lisboa: Publicações Alfa.
- Teixeira, N. S. (2001). *Portugal na I Grande Guerra*. In R. Carneiro, Memória de Portugal - O milénio português (pp. 496-497). Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Teixeira, N. S. (2002). *Porque foi Portugal para a Guerra?* In Século XX - Homens , mulheres e factos que mudaram a história (pp. 141-144). Público-El País.
- Telles, B. (1915). *A Situação Militar Europeia*. Porto: Livraria Moreira.
- Telo, A. J. (2010). *Primeira República I, do sonho à realidade*. Lisboa: Editorial Presença.

### 3. Dicionários

Costa, J. A., & Melo, A. S. (1997). *Dicionário da Língua Portuguesa* (7ª ed.). Porto: Porto Editora.

*Dicionário Inglês-Português e Português-Inglês*. (1973). Porto: Porto Editora.

### 4. Manuais

EME. (2004). *MC 20-100 Manual de Tática de Artilharia de Campanha*. Lisboa.

EME. (2007). *RC 20-110 Tiro de Artilharia de Campanha* (Vol. I). Lisboa.

EME. (2007). *RC 20-110 Tiro de Artilharia de Campanha* (Vol. II). Lisboa.

EME. (2003). *Manual do Obús M119 105mm LG/30/m98*. Lisboa.

### 5. Revistas

Martins, L. A. (Fevereiro de 2009). Bruscamente num verão passado. *I Guerra Mundial – Portugal nas Trincheiras*, pp. 18-21.

### 6. Documentos Electrónicos

A Guerra da Crimeia. Retirado: Março, 27, 2012, de [http://www.infopedia.pt/\\$guerra-da-crimea](http://www.infopedia.pt/$guerra-da-crimea)

Polígono de Tancos. Retirado: Junho, 20, 2011, de <http://www.exercito.pt/sites/EPE/Historial/Paginas/default.aspx>

Paul Painleve Biography. Retirado: Março, 27, 2012, de [http://www.biographybase.com/biography/Painleve\\_Paul.html](http://www.biographybase.com/biography/Painleve_Paul.html)

Relações Luso-Britânicas – Marcos Históricos. Retirado: Maio, 22, 2012, de <http://ukinportugal.fco.gov.uk/pt/about-us/working-with-portugal/history-bilateral-relations/historical-landmarks>

Swedish Gymnastics. Retirado: Maio, 22, 2012, de <http://medical-dictionary.thefreedictionary.com/Swedish+Gymnastics>

Pedro Nunes, Mercator e Escher. Retirado: Maio, 22, 2012, de <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e6.html>

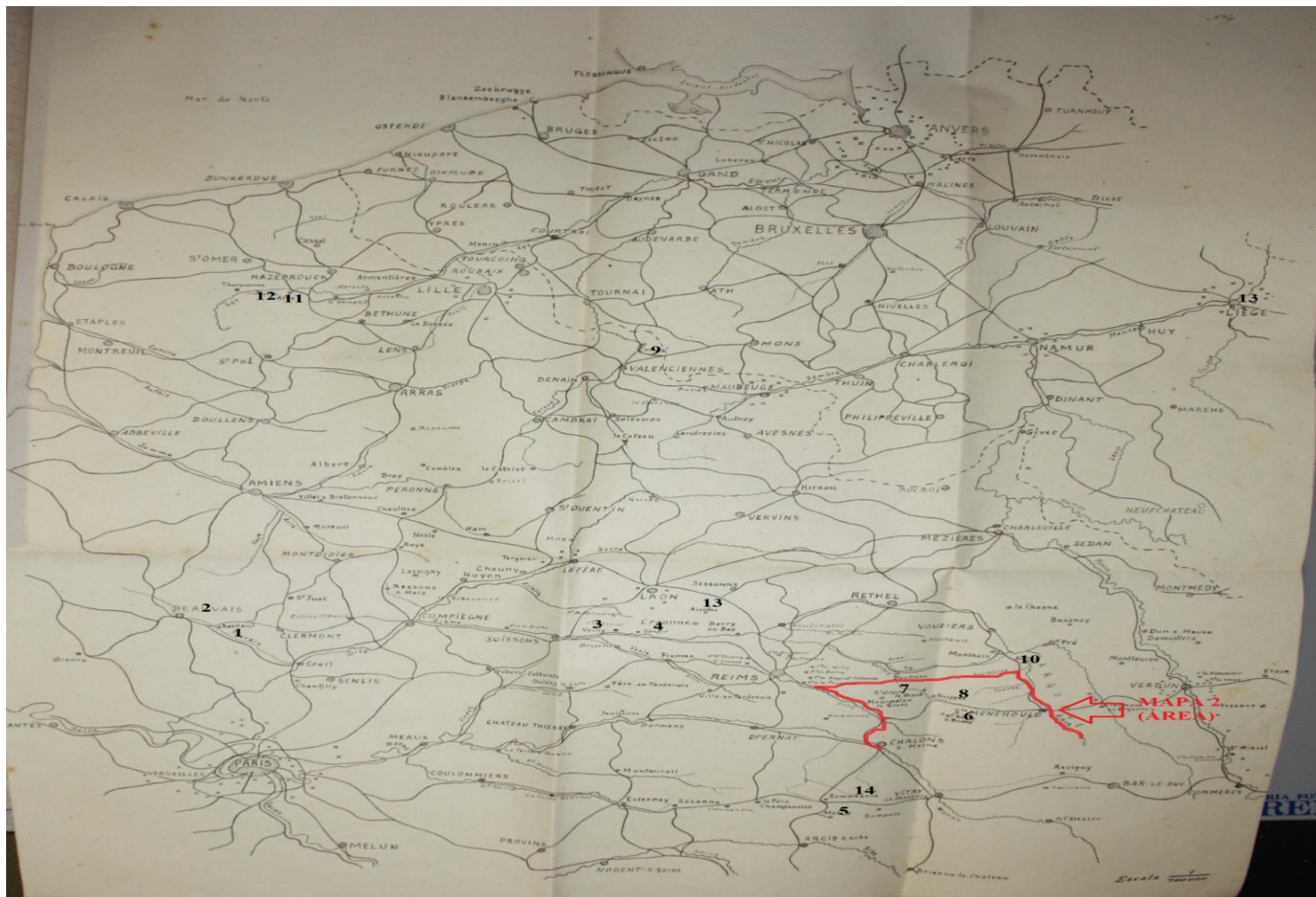
Goniómetro Bússola. Retirado: Junho, 17, 2012, de [http://www3.dsi.uminho.pt/academiamilitar/2002/pdf/Folhas\\_Avanc/GONIO\\_BUSS.pdf](http://www3.dsi.uminho.pt/academiamilitar/2002/pdf/Folhas_Avanc/GONIO_BUSS.pdf)

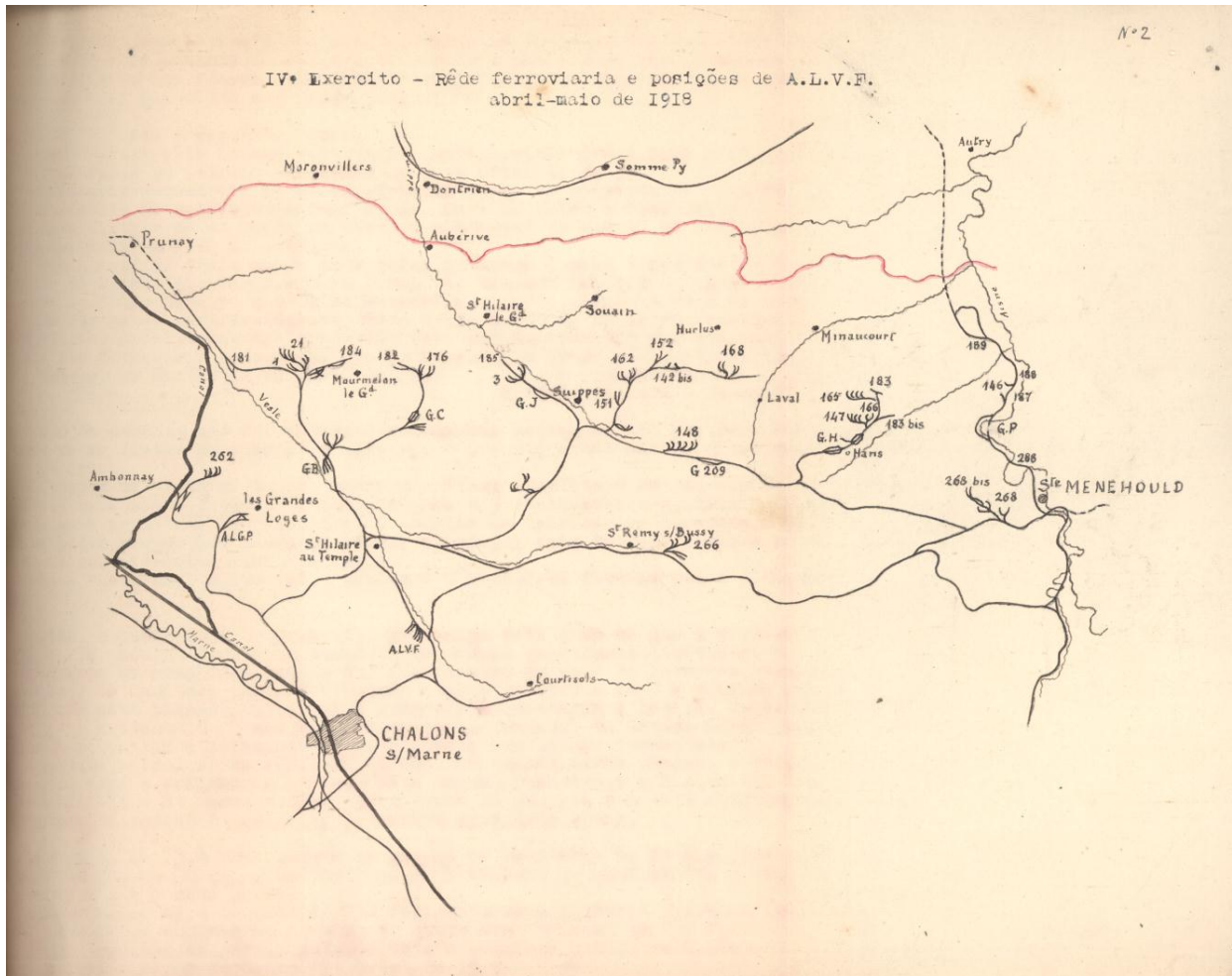
How to cite something that you found on a website in APA Style. Retirado: Junho, 17, 2012, de <http://blog.apastyle.org/apastyle/2010/11/how-to-cite-something-you-found-on-a-website-in-apa-style.html>

Santos, R. M. (2009). *O poder instituído e a relação com o Exército entre 1901 e 1914. Aspectos de uma breve caracterização*. Retirado: Junho, 20, 2011, de Revista Militar: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=459>

## **Anexos**

## Anexo A - Mapa da região de intervenção e mobilização do CAPI





Fonte: PT/AHM/1/35/1345/3 – Monografia do CAPI pelo Major Luciano José Cordeiro

**Anexo B - Telegrama de dia 23 de Abril de 1918**

C O P I A .

Telegrama  
Expedido.

**CORP. EXP. PORT.**  
R  
Ent. \_\_\_\_\_  
Num. \_\_\_\_\_

RS/N. April 23rd, 1918.

Chefe Estado Maior,  
Portuguese Headquarters,  
FRANCE.

Urgentissimo. Informado por tenent-coronel Souza de que praças artilharia se recusaram receber instrucao com material lhes fora destinado fui hoje Horsham nao conseguindo demover praças sua intencao. Ja hontem foi desfeitoado um oficial nao tendo sido possivel ate agora descobrir cabeças motim. Em vista gravidade situacao coronel Inglez Comandante Escola Artilharia Horsham comunicar estes factos superiormente tendo eu conferenciado esta tarde com General encarregado servicos disciplina do Comando a que esta subordinada escola ficando assente este comunicar War Office factos se estavam passando e minhas propostas que sao: se amanha praças continuarem mesma disposicao serem imediatamente mandadas apresentar ahi ou serem as baterias separados por diversos quarteis aqui em Inglaterra. Falta oficiais muito contribue este estado cousas pois com excepcao quatro todos outros sao milicianos. Amanha comunicarei resultado minha nova visita Horsham.

a) Casqueiro.

**Fonte: PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento em Horsham, do CAPI**

**Anexo C - Telegrama de dia 24 de Abril de 1918**

C O P Y .

Ref. No.  
97. (W-4).

COMM. REPORT.
Ent. _____
Num. _____

April 24th, 1918.

General Officer commanding the Eastern Command,  
50, Pall Mall, S.W.

Sir,

All means employed to make the Portuguese soldiers of the Heavy Artillery Corps stationed at Horsham obey their superiors and to attend the drilling with the guns used by the British Army having proved useless; it being certain that these conditions cannot continue and that it is absolutely essential that the authority of the O.C. those forces should be re-established and that officer considering himself powerless to maintain the order and discipline of those troops; once the splitting up of those forces and their incorporation in the Portuguese Expeditionary Force in France might prove highly prejudicial, as such elements of disorder and indiscipline are inconvenient everywhere.

In view of the fact that it is a small fraction of those forces that is inducing all the other men not to work with the guns which have been distributed to them for their drilling;

Duly authorised by H.E. the Portuguese Minister in London, whom I have informed of everything that has happened,

and on behalf of the General O.C. the Portuguese Expeditionary Force in France, who has all powers to maintain that order and discipline which have ever been the characteristics of the Portuguese soldier, known for a long time as a submissive and obedient man, always ready to sacrifice himself in the most noble manner, I suggest:

1) That a British force in sufficient strength be employed to maintain the discipline of the Portuguese Heavy Artillery Troops stationed at Horsham, numbering 800 men;

2) That this British force be armed and should report to the Commander of the Siege Artillery School in Horsham, who will keep it there until the Portuguese ring-leaders have been arrested;

3) That the conditions under which this British force should be used are:

a) To keep under guard the men that the O.C. the Portuguese Troops may think necessary to put in prison, it being understood that these men continue to be subject to the Portuguese disciplinary Laws and Regulations;

b) To intervene with their arms at the request of the Portuguese O.C. whenever this Officer may think it necessary.

c) To stop intervening once order has been re-established.

If for any reason it is found that it is not possible

to maintain the discipline amongst the Portuguese Troops after the ring-leaders have been arrested, I suggest that these troops be fractioned off and removed to various British training camps, where they would receive the disciplinary training and the complementary heavy artillery training for which they have been sent to this country.

These suggestions are subject to any alterations which the O.C. the Portuguese Expeditionary Force in France may think advisable to make, and of which I would inform you in due course.

I would further suggest that arrangements be made to have pistols and ammunition distributed to the 24 officers who are with the troops at Horsham.

I am, Sir,

Your obedient Servant,

(Signed) J.B. Casqueiro,

Major.

Anexo D - 2º Telegrama de dia 24 de Abril de 1918

C O P I A .

TELEGRAMA  
Expedido.

**CORP. EXP. PORT.**  
R

Ent. \_\_\_\_\_  
Num. \_\_\_\_\_

No. 308. Londres, 24 d'Abril de 1918.

Chefe Estado Maior,  
C. E. P., FRANCE.

Continuando a indisciplina no aquartelamento forças portuguezas em Horsham e não convindo enviar para França estas forças no estado em que se encontram sendo urgente necessidade emprego força para ali manter a ordem e a autoridade do comando que se julga impotente só por si, depois de esgotados todos meios suazorios em nome do Exmo. General Comandante C.E.P. pedi auctoridades inglezas forças sufficientes para manter a ordem e fazer cumprir as determinações quanto a instrucção, evocando auctoridade mesmo Exmo. General Comandante ao comandante forças portuguezas para que seleccione e prenda todos os cabeças de motim que continuarão sujeitos ás leis e regulamentos disciplinares do nosso exercito. Em officio darei conta dos meios que a força das circumstancias me obrigar a usar com o apoio do Exmo. Ministro Portugal em Londres unica entidade que aqui posso consultar.

a) Casqueiro.

Fonte: PT/AHM/1/35/1416/7 - Processo relativo a uma insubordinação das praças do Destacamento em Horsham, do CAPI

Anexo E – Telegrama de dia 25 de Abril de 1918

*Justica*

PORTUGUESE LEGATION,  
THE MILITARY ATTACHÉ.

12 GLOUCESTER PLACE,  
PORTMAN SQUARE,  
LONDON, W.

Ref. No.  
98. (W-4)

CORP. EXP. PORT.  
R  
Ent. \_\_\_\_\_  
Num. \_\_\_\_\_

25 d'Abril de 1918.

Ao Exmo. Snr. Chefe do Estado Maior do Q.G. do C.E.P.  
FRANÇA.

Confirmo os meus telegramas Nos. S/N. e 308 respectivamente de 23 e 24 do corrente, cujas copias junto. Em conformidade com este ultimo telegrama junto igualmente as copias das notas que dirigi ao Exmo. Comandante das forças portuguezas do C.A.P. aquarteladas em Horsham e da nota que dirigi ao General Comandante do comando de Leste passando a expôr o seguinte. Ao Exmo. Ministro dos Estrangeiros e Presidente da Republica, foi dado conhecimento do ocorrido sendo aprovado o procedimento cuja orientação deixo expressa nos documentos cuja copia junto, quanto á possivel e talvez necessaria intervenção das forças inglezas para a manutenção da ordem e da disciplina n'aquelle aquartelamento.

Como a força necessaria para ir a Horsham para prestar o auxilio que d'ella for necessaria, levará talvez um dia a sêr transferida para aquelle aquartelamento, irei eu mesmo de commum accordo <sup>com o</sup> comandante das forças portuguezas proceder a selecção e ao aprisionamento dos cabeças de motim. Espero sêr chamado a todo o momento pelo War Office para ir a Horsham e

logo que tenha concluido a minha missãõ, informarei V. Exa. do que se passar. Como para casos identicos o Exmo. General Comandante do C.E.P., quando eu comandava a Base de Desembarque do C.E.P., conferindo-me poderes discricionarios para a manutençãõ da ordem entre as forças que ali desembarcavam; não tive duvida em evocar agora esses mesmos poderes e apoiar a minha auctoridade no nome prestigioso do Exmo. General Comandante do C.E.P. Os meios suazorios que durante trez dias se tem posto em pratica já de nada valem e os officiaes ~~\_\_\_\_\_~~ abstiveram-se de manter para com as praças a menor pressãõ ~~\_\_\_\_\_~~, para não levar mais longe os desacatos á sua auctoridade.

Evitarei quanto possivel o emprego da força armada cuja comparencia solicitei, usando de toda a prudencia, calma e sangue frio. A V. Exa. solicito a comparencia õ mais depressa possivel dos officiaes pedidos em meu telegrama No. 299 de 17 do corrente ou de mais alguns que V. Exa. possa ceder, pois sou de opiniãõ que alguns dos que aqui estãõ, tem de sêr mandados apresentar n'esse Q.G. para o que solicito desde já auctorisaçãõ afim de estar já na posse d'esses poderes no momento que fôr necessario actuar, se a esse extremo tiver de recorrer.

Devo dizer a V. Exa. para conhecimento de Sua Exa. o General Comandante que quando solicitei verbalmente apoiando *por* <sup>*o pedido*</sup> *o* escripto que fiz da força armada ingleza que

solicitei, foi-me objectado no War Office que melhor seria enviar os homens para França ou para Portugal. Não sei que solução se queira adoptar superiormente, mas a estes argumentos objectei que no primeiro caso era deveras para considerar se seria conveniente na presente ocasião mandar para França incorporar-se no C.E.P. embora dessiminadas por diferentes unidades, taes elementos de discordia e de indisciplina, tendo em consideração o monstruoso ataque allemão que as nossas forças acabaram de receber cujas perdas em officiaes são consideraveis; no segundo caso, o regresso a Portugal, considerava-o como um incentivo á indisciplina.

As auctoridades inglezas tem receio que em caso de effusão de sangue, esse facto seja explorado pelos nossos inimigos entre o animo das tropas alliadas, e a isso respondi que quanto mais demorado fôsse a auxilio que solicitava mais probabilidades haveria d'essa effusão de sangue, garantindo por minha parte que faria tudo quanto podesse para a evitar.

João B. Lasqueing  
Major.

N. B. Junto copia d'um officio dirigido ao nosso Ministro de Portugal em Londres sobre os factos occorridos em Horsham na tarde do dia 25 e manhã de 26. Esta copia não ficou capaz, mas a falta de pessoal e a urgencia da comunicação, desculparam os ~~omissões~~ omissões que contém.

Anexo F – Telegrama de dia 27 de Abril de 1918

Ref. No.  
100 (F-4).

*Cópia*

CORP. EXP. PORT.  
R.  
Ent. \_\_\_\_\_  
Num. \_\_\_\_\_

27 d'Abril de 1918.

Ao Exmo. Snr. Ministro de Portugal em Londres,  
12, Gloucester Place,  
Portman Square, W.

Em referencia ao assumpto da insubordinação das praças do corpo da artilharia pesada em Horsham, informo V. Exa. que no dia 22 do corrente ao chegar á Comissao, tive conhecimento por comunicação telefonica feita pelo comandante d'aquelle força, que as praças se recusavam a instrução d'artilharia pesada com as peças com que as auctoridades inglezas os queria instruir, havendo entre as praças instigadores contrarios á ordem e á disciplina. No mesmo dia me dirigi a Horsham a saber do que se passava e do que depois consta da nota que dirigi ao referido comandante, No. 93 (W-1) que eu proprio levei em mao, no dia seguinte a Horsham, para afirmar *tambem* ao tenente-coronel Souza de que estava a seu lado para tudo quanto em minhas forças coubesse para o auxiliar na sua missao e conduzir as praças ao cumprimento dos seus deveres, antes de se empregarem quaes quer meios violentos, que por todos os motivos se deviam evitar.

(Continua)

Reuniu o comandante conselho de officiaes apresentando ~~Um~~ d'elles o alvitre de se armarem os officiaes e os sargentos que estavam com elles, e com o seu proprio esforço se imporem ás praças que resistissem ao cumprimento das ordens que recebessem, <sup>opinião esta</sup> que foi apoiada por alguns officiaes, mas sendo a maioria de parecer que o unico meio efficaz seria o emprego d'uma força extranha que actuasse de surpresa durante a noite enquanto as praças estivessem a dormir na cazerna. N'esta altura expuz que me parecia que o melhor caminho a seguir seria o de formar <sup>imediatamente</sup> as praças e separar as que se julgavam perigosas, que se prenderiam, até se apurar a responsabilidade. Que estava prompto a ir eu mesmo em pessoa proceder a captura d'esse homens. Foi objectado por todos os officiaes <sup>que</sup> esta solução <sup>não era efficaz</sup> dizendo-me que a excitação das praças era muito grande e que se não sabia ao certo quaes <sup>os investigadores</sup> eram sendo apresentada a solução de se fazer um inquerito ás praças, <sup>de</sup> isoladamente para se apurar quaes d'ellas agiam por seu mota proprio, quaes as que procediam por influencia d'outras praças. Este inquerito <sup>que foi accete</sup> depois d'algumas horas verificou-se que resultava improficuo acabando o comandante por me dizer que não tinha forças para por si proprio e com o auxilio dos seus officiaes metter na ordem as praças da força do seu comando instando pelo auxilio da força extranha. Entretanto algumas praças mais excitadas <sup>que</sup> ja no 21 tinham batido n'um

*acabaram de agravar*  
official, um outro official ~~acabava de ser agravado por outras~~  
~~peças que entrando~~ na sua secretaria e ~~um~~ arrencaram ~~the~~  
algumas folhas do auto de corpo de delicto a que estava  
procedendo e a um outro <sup>official</sup> também o ameaçaram se continuasse no  
inquerito a que estava procedendo desejando saber por esse  
inquerito, <sup>sa entre</sup> ~~quas~~ as peças <sup>algumas havia,</sup> que ~~quellas~~  
peças. Por seu turno ao comandante exigiram uma declaração  
de que as peças estavam prontas a instruir-se na artilharia  
pesada de sitio e que com estas peças estavam prontas a irem  
para o campo de batalha. A excitação das peças era grande  
e n'esta conformidade e em harmonia com as instruções de  
V. Exa. dirigi ao Eastern Command o meu officio No. 97 (W-4)  
de 24 do corrente e depois de varios incidentes que sao do  
conhecimento de V. Exa., ficou resolvido que fossem enviada  
uma força ingleza a Horsham para intervir se fosse necessario  
na manutenção da ordem e d'harmonia com o que ficou combinado  
no War Office essas forças operariam sob minha indicação e  
entretanto dirigi ao comandante das forças em Horsham a nota  
No. 96 (W-4) de 24 do corrente a coberto da qual enviei copia  
do meu referido officio ao War Office. No dia 25 acompanhado  
do General Robb segui a Horsham onde estava tudo preparado  
para uma formatura geral a que eu assistiria. Quando as  
forças estavam formadas dirigi-me a parada acompanhado do dito  
General, do General Chance, do Coronel Child comandante da

Escola d'instrucção onde estão aquarteladas as nossas forças e dos adjuntos d'esta escola entre os quaes os interpretes. Ao aproximar-me das forças o tenente-coronel Souza que estava acompanhado pelos seus officiaes separou-se d'elles e dirigiu-se ao General Robb em portuguez apresentando-lhe os seus cumprimentos e apontando para as praças disse-lhe que era a corpração dos maiores cobardes que tinha visto. Em altos brados e n'esta attitude hostil para com as praças instigou-os a que avançassem para elle se iram capazes agarrando eu este official e pedindo-lhe para que se fosse embora porque a sua excitação dava-me a perceber que estava fora de si. Era já tarde, <sup>para poder evitar que</sup> as praças sahindo da forma e em grande algazarra avançavam em direcção aos officiaes. Corri entao sobre as praças para as meter novamente na forma e n'isto fui auxiliado por alguns officiaes que logo correram para o meu lado. Metidas as praças na forma ordenei que os comandantes de bateria tomassem o comando das suas baterias bem como os officiaes subalternos de cada uma d'ellas *para que fossem occupar os seus logares.*

Dirigi-me entao as praças fallando em nome do Exmo. Presidente da Republica, fazendo-lhes saber quanto era deploravel o procedimento que seguiam. A mais completa ordem e prompta <sup>e</sup> obediencia tinha que ser mantida, que foram enviados para a guerra para combater ao lado dos nossos alliados e que a menor desobediencia as ordens superiores com o

caminho que estavam seguindo era considerado como um acto de rebelião.

O Exmo. General Inglez que me acompanhava tinha-me encarregado de lhes dizer quanto para elle seria desagradavel ter que intervir pela força das armas para manter a ordem e a disciplina no acampamento portuguez, mais doloroso ainda por se tratarem de praças portuguezas ~~com quem a~~ *mantendo a* Inglaterra ha tantos annos ~~antes~~ *com Portugal* tão estreitas relações de boa amizade, e que eu estava ali para esgotar até aos ultimos ~~meios desta intervenção e que eu mesmo iria separar as praças~~ *ao meu alcance para evitar* que julgasse necessario fazer sahir do acampamento para que ~~com serenidade e attenção podessem ser ouvidas.~~ *toda a* Fui depois acompanhado em cada bateria pelos officiaes de cada uma d'ellas, apontar as praças que se julgou dever separar e feito este serviço voltei ao meio do acampamento e dei ordem aos comendantes das baterias para ~~ordenassem as praças cujos~~ *que* numeros foram apontados a darem 4 passos em frente. A um dos officiaes do estado maior do C.A.P. ordenei que os juntasse e os levasse para fora do acampamento onde mais tarde foram metidos em camions e d'ali para o local disciplinar sendo acompanhados por um d'argento em cada camion e toda esta força sob o comando do dito official. Acompanhou esta força uma ~~colta~~ *de* armada ingleza que seguiu n'um camion a parte e durante o trajecto nao houve nada ~~de~~ *digno* de registo. No acampamento enquanto as praças se mantinham debaixo de forma foi passada.

uma minuciosa revista as cazernas encontrando-se muitas facas de todos os tamanhos, munições de arma de infantaria que as praças tinham trazido de França, mascaras de gazes, etc. Destroçou a força, as praças bem como os officiaes tinham a roupa enxarcada pois durante este acto que durou das 18.30 ate as 20 um temporal desfeito se desencadeou sobre nos. Fiquei n'essa noite no acampamento para assistir a instrucção de peças no dia seguinte. As 9 horas <sup>de manhã</sup> estavam as forças em formatura começando a essa hora a instrucção de gymnastica succa e as 10 horas a instrucção de peças que decorreu sem novidade. Alguns officiaes compareceram de capotes que mandei despit um d'elles na instrucção fumava cachimbo que lh'o mandei guardar, sendo lamentavel que o comandante tenente-coronel Souza nao tivesse comparecido a instrucção ate a hora que d'ali ahi. Estes factos deixaram-me a impressao de que alguns officiaes precisam de saber primeiro <sup>qual</sup> a missão que tem a desempenhar e levam-me a expor a necessidade de que se inste pela vinda de novos instructores.

O Adido Militar.

(ass) J. Casquino

Anexo G - Militares condenados do Destacamento de Horsham

Numero de ordem	Data da entrada			Nome, graduação e unidade do réu	Crime	Estado do processo	Observações	
	Dia	Mês	Ano					
200	19	Abri	1918	Alexandre Rodrigues da Silva soldado ferrador do 1.º G. F. A. e nº: 255	Insubor- dinaco- por desobe- diencia		to B. A. L. F. em 4/7 com a 4.ª 150/1.	
201	19	Abri	1918	Soldados: 1.º José Henrique nº: 84 2.º Manoel do Rosa nº: 53 3.º Manoel Rosendo Pama nº: 79 4.º Cyrano Roy Marthe nº: 103 5.º Manoel Bernardo nº: 107 6.º Manoel Antonio nº: 115 7.º Joaz da Ponte nº: 120 8.º Antonio Viegas nº: 121 9.º Alfredo Ribeiro nº: 122 10.º Jacto Antonio nº: 124 11.º Sai Vertena Guernio nº: 129 12.º Ricardo de Jesus nº: 133 13.º Joaquina Vicente Coelho nº: 135 14.º Raul do Silva nº: 143	Insubordinação, digis, revolta			to C. A. F. p.º fazer com- tar se nos reus forava feitas as observações a que se re- fere o dot. p.º 161.º do C. F. M. e com a comp. serem rubri- cadas e nume- radas a r.º dos testemunhos em 24/4/18 com a nota n.º 462/3 - Visto do C. A. F. com a nota n.º 474 C. F. M. 28/4/18 to J. G. do Com.º com a nota n.º 820/3 de 30/4/18 p.º responder em Visto em
Passou a ser escri- pturado a folhas 253 do livro								

874

Numero de ordem	Data da entrada			Nome, graduação e unidade do réu	Crime	Estado do processo	Observações
	Dia	Mês	Ano				
15				João André n.º 158	Incorporação e desmobilização	[wavy line]	14-7-918. In
16				João Afonso n.º 161			13-7-918. In
17				João Ferreira n.º 166			em 15-7-918.
18				João João n.º 167			de guerra em
19				Fernez de França n.º 168			17-7-918 com
20				Francisco Antonio n.º 169			a nota 1761/f.
21				João de Faria n.º 172			de guerra
22				Miguel de Paiva Pereira n.º 165			em 6-11-918
23				Miguel Gaudêncio n.º 163 - todos do			com a nota
24				Luiz Teixeira Car- tão deiro - n.º 99			2504 (Substa n.º 5006).
25				João Pereira n.º 137			de F. G. C. em
26				Miguel Freire n.º 142			12-11-918 com a
27				Mathias do Silva n.º 60			nota 3552/f.
28				Agostinho Martins n.º 157			p.º arquivos.
29				Luiz Maria Ventura n.º 112			
30				Bernardo Ramos n.º 104			
31				João Carlos n.º 162			
32				Eliseu Francisco n.º 55			
33				João Duarte dos n.º 123			

45

Numero de ordem	Data da entrada			Nome, graduação e unidade do réu	Crime	Estado do processo	Observações
	Dia	Mês	Ano				
35				filho Calisto n.º 65	Vizconde de Albuquerque dono	Ricardo de Jesus Sobrado n.º 133 (juiz n.º 13) Joaquina Vicentinho Coelho Sobrado n.º 135 (juiz n.º 13) Manuel de Sousa Sobrado n.º 137 (juiz n.º 14) João André Sobrado n.º 138 (juiz n.º 15) José Aguiar Sobrado n.º 146 (juiz n.º 16) João Ferreira Sobrado n.º 147 (juiz n.º 17) João Sobrado n.º 148 (juiz n.º 18) Hoffmann de Almeida Sobrado n.º 149 (juiz n.º 19) Francisco Antonio Sobrado n.º 150 (juiz n.º 20) Joaquina Correia Sobrado n.º 151 (juiz n.º 21) Manuel de Sousa Sobrado n.º 152 (juiz n.º 22) Manuel Gaudêncio Sobrado n.º 153 (juiz n.º 23) José Ferreira Sobrado n.º 154 (juiz n.º 24) Manuel de Sousa Sobrado n.º 155 (juiz n.º 25) António de Sousa Sobrado n.º 156 (juiz n.º 26) António de Sousa Sobrado n.º 157 (juiz n.º 27) António de Sousa Sobrado n.º 158 (juiz n.º 28) António de Sousa Sobrado n.º 159 (juiz n.º 29) António de Sousa Sobrado n.º 160 (juiz n.º 30) António de Sousa Sobrado n.º 161 (juiz n.º 31) António de Sousa Sobrado n.º 162 (juiz n.º 32) António de Sousa Sobrado n.º 163 (juiz n.º 33) António de Sousa Sobrado n.º 164 (juiz n.º 34) António de Sousa Sobrado n.º 165 (juiz n.º 35) António de Sousa Sobrado n.º 166 (juiz n.º 36) António de Sousa Sobrado n.º 167 (juiz n.º 37) António de Sousa Sobrado n.º 168 (juiz n.º 38) António de Sousa Sobrado n.º 169 (juiz n.º 39) António de Sousa Sobrado n.º 170 (juiz n.º 40) António de Sousa Sobrado n.º 171 (juiz n.º 41) António de Sousa Sobrado n.º 172 (juiz n.º 42) António de Sousa Sobrado n.º 173 (juiz n.º 43) António de Sousa Sobrado n.º 174 (juiz n.º 44) António de Sousa Sobrado n.º 175 (juiz n.º 45)	
36				Silveira de Jesus n.º 159			
37				João Matheus n.º 71			
38				João Dias Simões n.º 48			
39				Salvador Ribeiro n.º 140			
40				Damião Findex n.º 165			
41				Manuel Remigio n.º 125			
42				Rodrigo Soares n.º 172			
43				Matheus Marques Vieira n.º 98			
44				João Vicente de Jesus n.º 110			
45				Francisco Silva Martins n.º 35			
46				João Bem n.º 126			
47				André Martins n.º 107			
48				Salomão Correia n.º 164			
49				Francisco Rijs n.º 124			
50				João de Canavieiras n.º 2 - 1.º cabo -			
51				Francisco Vicente Rolaco 1.º cabo n.º 76 - todo do 3.º batalhão -			
52				Bernardino do Santos			
53				Regia 1.º cabo n.º 100/2.º - João do Cruz Alves, soldado			

Anexo H - Caso de deserção de uma praça oriunda do CAPI, em França

COMISSÃO LIQUIDATÓRIA  
C. E. P.  
1920

Relação das praças presas vindas de França que desembarcaram no dia 8 de Julho de 1919 e se evadiram.

Arma	Classe	Numero	Posto	Nome	Observação
Infª 9	Iª	584	soldado	José da Fonseca	Nv
I4	4ª	161	"	Joaquim Trindade	X P. 117
Art 2	2ª	443	"	Eduardo Lopes Ferreira	P. 90
Infª 6	IIª	435	"	Joaquim Maria	Deserter
9	Iª	623	"	João Alves da Silva	"
I2	5ª	303	"	Alberto d'Aguiar	Nv
I	4ª	388	"	Adelino Marques Rosa	Deserter
I4	Iª	474	"	Antonio Francisco Regalo	P. 145
I	2ª	579	"	João Fernandes Coelho	P. 96
7	Iª	653	"	Fernando Fernandes	Deserter
I3	4ª	209	"	Joaquim Guedes	P. 73
29	Iª	394	"	Sebastião Gonçalves	X P. 33
I2	IIª	336	"		
28	2ª	478	"	Gabriel Vieira	P. 115
20	4ª	563	cometeiro	José de Freitas	X P. 33
IºGCAM	7ª	598	soldado	Adriano da Silva Elvas	P. 155
Cavª II	3ª	96	"	José Joaquim Pereira	Nv
IºGCAM	Iª	1012	"	Antonio da Silva	P. 169
3ª "	Iª	653	"	David dos Santos Queiros	Nv
A.3.	5ª	255	"	Manuel Branco	Nv
Infª 4	2ª	505	"	João Gomes	Nv
2ªEAC	Iª	301	"	João Viegas Bordeira	Nv
Cavª 4	Iª	1195	"	José Guerra	P. 99
Infª 31	Iª	785	"	Mario Augusto da Silva	P. 157-166
2	6ª	523	"	Clindo Navarro	P. 173-121-172
I	4ª	565	"	Bento João Magalhães	Nv
3	Iª	547	Iº cabo	Manuel Cunha e Castro	X P. 33
29	Iª	524	soldado	Bernardino de Sousa	Nv
I2	3ª	309	"	Manuel Francisco Pires Dias	Nv
I2	9ª	246	"	Antonio Costa Salgueiro	P. 99
3ªGCAM	3ª	229	"	Joaquim Pereira de Sousa	Nv?
Infª 16	3ª	882	"	João Nunes Loureiro	Nv
3	2ª	517	"	Bento Fernandes	Nv
CAPI -	-	-	"	Justino Ribeiro	Nv
Infª 35	Iª	664	"	Joaquim Pereira Bola	Nv
34	-	394	"	Celestino Maria Rodrigues	Nv
35	Iª	689	Iº cabo	Antonio Fonseca e Silva	Nv
35	Iª	770	soldado	João Baptista Brandão	Nv
5	2ª	-	"	Agostinho Francisco Courelas	Nv
E.E.	2ª	556	"	Francisco Ferreira Lima	Nv
Cavª 2	Iª	618	"	Antonio da Silva	Nv?

Fonte: PT/AHM/1/35/936/7 – 1919-20 – Tribunais de Guerra – Processos: que transitaram, existentes nos tribunais, de presos evadidos, arquivados no comando do Campo Militar Ambleteuse, dos réus e suas situações, presos enviados para o forte da Graça

Anexo I - Militar referenciado por insubordinação

Data da sentença			Nome e unidade do réu	Crime	Base do processo	Arquivado com nº
Dia	Mês	Ano				
11	Junho	1918	Antônio Ferreira da Silva Calefado nº 19 da 1ª companhia de digo, Joãozinho Aguiar, Soldado nº 11 da 1ª bateria do 3º Grupo de Metahabitação (4.103 de 18 a 24.11.18)	Insubordinação	Com ordem para responder de 7-6. Promovida a audiência de 11-6-18 julgando e condenando na pena de seis meses de prisão militar ou, em alternativa na pena de seis meses de suspensão em depósito disciplinar em 22-6-18. Remetido a 25 em 25-6-18. Resolvido com ordem para arquivar em 7-8-18.	Arquivado com nº 117
11	Junho	1918	Moisés Freire, Calefado nº 142 da 3ª Bateria do 1º Grupo do C.A.P.	Insubordinação	Com ordem para responder de 5-6-18. Promovida a audiência de 11-6-18 julgando e condenando na pena de vinte dias de prisão correicional em 24-6-18. Remetido a 27 em a cópia de sentença em 27-6-18 resolvido com ordem para arquivar em 2-7-18	Arquivado com nº 147

Fonte: PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 14 – Movimento dos processos do Tribunal



Anexo K - Militar referenciado por deserção

Número	Data da entrada			Nome e unidade do reg	Crime	Détails do processo	Ab. cas. M. J. cap.
	dia	mes	ano				
256	27	Setembro	1918	Antônio Pedro soldado nº 144 da 1ª Batalha do 2º Grupo do C.A.P.	Deserção	Com ordem para responder de 25-7. Promocão e ativação de 27-7-1918. Julgado e condenado na pena de prisão de deportação e exilado, em 21-10-1918. Remetido a H <sup>ca</sup> em 24-10-1918. Revoluído com ordem para arquivar de 12-1-1919.	Arquivado com o nº 217
257	11	Outubro	1918	João de Sousa Carneiro soldado nº 7632º do R.C.9	Homicídio involuntário	Com ordem para responder de 4-10. Promocão e ativação de 11-10. Remetido a H <sup>ca</sup> em 24-12-1918. Revoluído com ordem para responder de 26-11-1918. Julgado e condenado na pena de prisão e exilado, de incorporação em de polícia disciplinar em 28/1. Remetido a H <sup>ca</sup> em 27-1-1919. Revoluído com ordem para arquivar de 6-2-1919.	Arquivado com o nº 270

Fonte: PT/AHM/1/35/1507 – Livro n.º 14 – Movimento dos processos do Tribunal

## **Apêndices**

## **Apêndice A - Cronologia**

### **1914**

28 de Junho – assassinato do Arquiduque Francisco Fernando da Áustria

1 de Julho – início da Grande Guerra

Setembro – pedido do Governo Francês a Portugal para cedência de material de Artilharia

### **1916**

Setembro – pedido do Governo Francês a Portugal para cedência de militares a guarnecerem o seu material de Artilharia

### **1917**

17 de Maio – assinatura da Convenção Militar para o emprego das forças Portuguesas de Artilharia Pesada

1 de Junho – deslocamento dos primeiros Oficiais para o campo militar de Bailleul-Sur-Thérain

5 de Junho – inicia-se a instrução dos Oficiais Portugueses, responsáveis por enquadrar o restante contingente

17 de Outubro – chegada do primeiro contingente a Rochy-Condé e o segundo a Beauvais

10 de Novembro – instrução dos militares da peça de 320<sup>mm</sup>

11 de Novembro – Coronel Homem de Teles abandona cargo de comandante ocupando o respetivo a título provisório o Major Xavier Pereira

### **1918**

15 de Janeiro – Tenente-Coronel Câmara Pestana assume as funções de comandante do Corpo

26 de Fevereiro – comando do Corpo é informado superiormente da passagem do CAPI para alçada do Exército Britânico em data indefinida

12 de Março – 1ª missão em campanha incumbida à 1ª Bateria do 1º Grupo

18 de Maio – 2ª missão efetuada pelas 2º e 3º Baterias do 1º Grupo

27 de Maio – Grande ofensiva Alemã

8 de Outubro – 1º Grupo é destacado para os trabalhos de construção

6 de Novembro – anunciada ao Grupo da retirada geral Alemã

11 de Novembro – assinatura do armistício

30 de Novembro – dissolução do CAPI

Elaborado pelo autor

## **Apêndice B** – Convenção Militar de 17 de Maio de 1917

A Convenção Militar para o emprego das forças de artilharia pesada junto do Exército Francês, assinada em 17 de Maio de 1917, pelos ministros da guerra, Português e Francês (Norton de Matos e Paul Painlevé), continha as seguintes disposições:

« Art. 1º - O governo Português fornecerá oficiais, sargentos, cabos, soldados, mecânicos e artífices que forem necessários para a organização de baterias de artilharia pesada, em número não inferior a quinze nem superior a trinta; o governo Francês fornecerá todo o material necessário, inicial e da reserva, com excepção de fardamento, roupa e calçado que serão fornecidos pelo governo Português.

Art. 2º - As baterias de artilharia Portuguesas serão agrupadas sob o comando de um oficial Português, Coronel ou Tenente-Coronel de artilharia e constituirão um corpo de artilharia pesada Português.

As baterias serão reunidas em grupos táticos de duas, três ou quatro baterias do tipo dos grupos de artilharia Francesa.

A cada um dos comandantes de grupos Portugueses poderá ser adjunto, como agente de ligação, um oficial Francês de artilharia de graduação não superior à do dito comandante.

Art. 3º - O corpo de artilharia Português operará na frente ocidental nas posições que forem determinadas pelo comando Francês. Quando as considerações de ordem tática o exigirem, este corpo de artilharia pesada poderá ser fraccionado e os seus diferentes grupos empregues em sectores de operações diferentes.

Os grupos destacados continuarão a permanecer sob as ordens do Coronel Português em tudo o que diga respeito à disciplina geral, à administração e à justiça militar.

Art. 4º - Missão Francesa «pequeno Estado-Maior» junto do Coronel.

Art.5º - Todas as despesas feitas pelo Governo Francês com as baterias Portuguesas de artilharia pesada, tais como rações, forragens e equipamentos serão cobradas ao governo Português pela forma que mais tarde for acordada pelos dois governos.

No que diz respeito aos animais, armamento e outro material, somente as despesas iniciais ficam a cargo do governo Português. As substituições e reparações ficam a cargo do governo Francês.

Art.6º - Todo o material distribuído às baterias Portuguesas será, dada a sua distribuição, considerado como propriedade do governo Português.

No fim da guerra, as baterias regressarão a Portugal com todo o seu armamento, equipamento e todo o outro material que lhes será distribuído.

No que diz especialmente respeito a material de artilharia, a natureza deste material será objecto, no fim das hostilidades, de um acordo entre o governo Francês e o governo Português.

Art. 7º - A alimentação assegurada pelo governo Francês sendo o seu custo cobrado do governo Português nas condições indicadas no art. 5º.

Art. 8º - O governo Francês adianta as importâncias precisas para vencimentos e outras despesas, as quais serão cobradas do governo Português nas condições do art. 5º.

Art. 9º - O governo Português obriga-se a enviar mensalmente para França as reservas em homens, uniformes, roupas e calçado que forem necessárias para manter a sua força primitiva e em perfeito estado, enquanto durar a guerra, as baterias de artilharia pesada; o governo Francês obriga-se a manter em perfeito estado os animais, armamento e outro material distribuído às ditas baterias.

Art. 10º - Os doentes e feridos serão tratados nos hospitais e formações sanitárias Francesas, mas o governo Português fornecerá um médico por cada bateria para auxiliar os médicos Franceses, além dos médicos do quadro do corpo.

Art. 11º - A administração da justiça é da exclusiva competência dos oficiais Portugueses. Julgamento nos tribunais do C.E.P. » (Almeida,1968,p:223).